

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

GRETE PESSOA DA SILVA

**A ORALIDADE, A LEITURA E A ESCRITA: UMA PROPOSTA DE
RETEXTUALIZAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ALUNOS
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**PARINTINS-AM
2017**

GRETE PESSOA DA SILVA

**A ORALIDADE, A LEITURA E A ESCRITA: UMA PROPOSTA DE
RETEXTUALIZAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ALUNOS
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. MsC. Maria Celeste de Souza Cardoso

PARINTINS-AM
2017

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

GRETE PESSOA DA SILVA

**A ORALIDADE, A LEITURA E A ESCRITA: UMA PROPOSTA DE
RETEXTUALIZAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ALUNOS
DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovado em: 12/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Profª MsC. Maria Celeste de Souza Cardoso
Universidade do Estado do Amazonas- UEA (Orientadora)

Profª Drª Edinelza Macedo Ribeiro
Universidade do Estado do Amazonas- UEA (Membro Interno)

Profª MsC. Julieuza de Souza Natividade
Instituto Federal do Amazonas- IFAM (Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para chegar até aqui e concluir esse trabalho.

A meus pais João Pimentel e Gracy Pessoa que me criaram com muito amor, sempre me incentivando nos meus estudos e que mesmos distantes me apoiaram de alguma maneira.

A minha família linda, em especial a meus filhos amados Roberta Oliveira e João Guilherme de Oliveira que me compreenderam nos momentos difíceis para realização desse trabalho. Ao meu esposo José Roberto Quirino que com seu jeito manso me compreende e me conquista cada dia. A minha sobrinha Simiane Pessoa que me auxilia com suas genialidades.

À professora Maria Celeste, minha orientadora, que me ajudou, contribuindo significativamente com a realização deste trabalho, obrigada por nos orientar sempre com dedicação e rigor, e também por compartilhar seus saberes conosco.

Aos meus colegas de curso que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste momento, em especial às minhas inseparáveis colegas Dilcilene, Francimary Guerreiro e Edilene Reis as quais cultivei carinho e respeito.

À Universidade do Estado do Amazonas.

À todos os professores que fizeram parte dessa caminhada e contribuíram para a realização deste momento.

A todos o meu sincero e profundo,

Muito obrigada!

*Aos meus amados filhos Roberta Oliveira e João Guilherme,
são eles a razão de todo meu esforço e dedicação nesse
trabalho.*

A eles dedico.

*“A persistência é o menor caminho do êxito”
Charles Chaplin*

RESUMO

Este trabalho aborda questões como trabalhar a retextualização nas aulas de Língua Portuguesa através do gênero textual “conto”. A retextualização evidencia aspectos das relações entre oralidade-escrita e escrita-oralidade, envolvendo operações complexas que interferem tanto no código como no sentido da oralidade. A oralidade, leitura e a escrita são três processos indispensáveis para a vida do ser humano, a necessidade de falar, aprender a ler e aprender a escrever pode fazer do indivíduo um bom leitor. O objetivo principal é investigar de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Diante disso, sugerimos uma proposta de retextualização a qual foi bem aceita pelos alunos e professores, com bons resultados. Como pressuposto teórico temos Marcuschi (2010), para falar um pouco sobre oralidade, escrita e as atividades de retextualização. Saussure (2000), abordando elementos internos e elementos externos da língua. Kleiman (1999), com leitura e interdisciplinaridade. Elias (2014), explicitando sobre o ensino de Língua Portuguesa, os PCNs (1998), entre outros autores e teóricos que contribuíram para o esclarecimento da problemática. A Metodologia parte de uma abordagem qualitativa, com os métodos dialético e comparativo, as principais técnicas foram o teste diagnóstico com os alunos, entrevistas com as professoras de Língua Portuguesa e aplicação de oficina de retextualização. Enfim, os resultados apontam para o bom desenvolvimento do aluno nas duas modalidades da língua oral e escrita. Valorizando a importância de trabalhar a retextualização oral e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, principalmente através dos gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Retextualização. Oralidade. Leitura. Escrita.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Quais as principais dificuldades dos alunos durante as produções textuais?	41
TABELA 2: De que forma você trabalha a oralidade, leitura e escrita com seus alunos?	42
TABELA 3: A retextualização de contos como é trabalhada em sala de aula?	43
TABELA 4: Qual a melhor maneira de trabalhar a retextualização em sala de aula?	44
TABELA 5: Durante as produções de textos dos alunos, você acredita que há influência da fala para a escrita?	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA: RETEXTUALIZAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	13
1.1. A ORALIDADE, A LEITURA E A ESCRITA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA	13
1.1.2 A leitura.....	16
1.1.3 A escrita	19
1.3. RETEXTUALIZAÇÃO: O QUE É E COMO SE FAZ	24
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3.1. ANÁLISE DO PRIMEIRO TESTE DIAGNÓSTICO.....	35
3.2. ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA	40
3.3. APLICAÇÃO DA OFICINA: ANÁLISE E REFLEXÃO.....	46
3.4. ANÁLISE DO SEGUNDO TESTE DIAGNÓSTICO.....	48
CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS.....	58
APÊNDICES.....	67

INTRODUÇÃO

Ao tratarmos de oralidade, leitura e escrita essas modalidades compreendem as variantes entre língua falada e escrita, saber valorizar o uso de ambas é essencial, pois seu entendimento entre cada uma delas assume uma função comunicativa. A língua falada está sempre em constantes mudanças, por esse motivo envolve o falante a se adequar conforme suas transformações. Enquanto que a língua escrita exige um pouco mais de seu mecanismo e requer que o indivíduo pare para refletir no momento em que irá escrever. Dessa forma, a escrita necessita de tempo, para que o falante possa organizar suas ideias e observar se as palavras estão escritas corretamente.

O presente trabalho pode ser de grande incentivo nas aulas de Língua Portuguesa, pois traz uma temática bastante visada para o Ensino Fundamental. O qual mostra um estudo mais aprofundado em relação à oralidade, leitura e escrita: uma proposta de retextualização nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Sua forma de trabalhar a retextualização com produções de textos mostra um incentivo para os alunos no sentido de leitura e aperfeiçoamento na escrita.

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo geral investigar de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Com isso, o estudo pauta-se em uma investigação para que se verifique como os alunos se relacionam com tais modalidades dentro do âmbito escolar nas aulas de Língua Portuguesa. É na escola que os alunos enriquecem seu vocabulário e aprendem a desenvolver melhor sua escrita, porque é oferecido a eles recursos que ajudam no bom desenvolvimento, como a proposta da temática aqui apresentada.

Segundo Marcuschi (2010), partindo dessas posições, busca-se construir aqui um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de transformação. Serão identificadas as operações mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Esta passagem ou transformação é uma das formas de realizar o que se denomina *retextualização*. Nessa concepção de transformação de um texto falado para texto escrito denominado retextualização, abriu-nos caminhos para que através da retextualização de contos, fossem verificadas suas principais dificuldades no momento de tais produções.

Diante disso, procuramos conhecer melhor o âmbito escolar, os alunos e professores para, assim, trabalharmos juntos sobre a temática proposta. Durante a coleta de dados foi realizado levantamento bibliográfico tanto de livros quanto artigos que embasam esse trabalho e também entrevistas, teste diagnóstico e oficina para que pudéssemos chegar ao fim da pesquisa com bons resultados.

As questões que nortearam esta pesquisa foram: As metodologias usadas pelo professor de Língua Portuguesa no desenvolvimento das produções textuais dos alunos. De que forma a retextualização vêm sendo desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. A oralidade, a leitura e a escrita são trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. As influências da fala para a escrita, nas produções textuais dos alunos ao desenvolverem a retextualização. Para cada questão que norteou essa pesquisa foram obtidas suas devidas respostas, as quais serão explicadas na conclusão desse trabalho.

A temática aqui apresentada foi escolhida a partir das constantes observações das aulas do programa PIBID, (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) ao verificar os interesses que os alunos demonstravam em fazer suas próprias produções, abriu-se caminho para que se pudesse chegar a organizar uma oficina de retextualização que pudesse ajudar ainda mais a turma, mostrando a eles uma nova visão em relação ao tema proposto.

A importância desta pesquisa é levar a proposta de retextualização como um incentivo para os alunos nas aulas de Língua Portuguesa ajudando a desenvolverem suas escritas no momento de suas produções. De essa forma incentivá-los a um aprimoramento melhor no que diz respeito à retextualização.

Entendemos que por meio dos recursos aplicados em sala, as aulas de Língua Portuguesa possam ser bem mais prazerosas e interessantes, já que no momento da aplicação dos testes diagnósticos e da oficina a participação dos alunos foi constante. A forma como os alunos receberam as atividades em sala de aula foi gratificante, pois se observou empenho e dedicação nas atividades sugeridas a eles.

A organização deste trabalho está dividida em capítulos, os quais foram desenvolvidos a partir de leituras interpretativa dos autores relacionados nas referências. Assim, temos uma introdução, quatro capítulos, as considerações finais e referências, os quais serão apresentados a seguir:

Na Introdução, apresentam-se de forma geral, os objetivos do trabalho investigando de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. No primeiro capítulo

abordaremos a oralidade, leitura e escrita: retextualização nas aulas de Língua Portuguesa, como um incentivo para os alunos desenvolverem seus próprios textos. O terceiro capítulo traz as e discussões dos resultados, discorrendo sobre os dados coletados do primeiro e segundo teste diagnóstico, das entrevistas com as professoras de Língua Portuguesa e aplicação da oficina de retextualização. O quarto capítulo apresenta uma proposta de retextualização no sentido de oferecer algumas atividades envolvendo a retextualização a partir da oralidade, leitura e escrita.

Acreditamos que a oficina teve grande relevância para que os alunos juntos com professores valorizassem tais recursos, visando possibilidades de produções de textos em torno da língua falada e da língua escrita, assim através dessas atividades possam aprofundar ainda mais em seus conhecimentos no momento de construir seus textos.

CAPÍTULO I: ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA: RETEXTUALIZAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1. A ORALIDADE, A LEITURA E A ESCRITA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA

O tópico trata da oralidade, leitura e a escrita sendo três processos indispensáveis para a vida do ser humano, a necessidade de falar, aprender a ler e aprender a escrever faz do indivíduo bons leitores deixando como exemplo essa herança para futuras gerações.

1.1.1 A oralidade

A oralidade é uma modalidade a qual está sempre em constante mudança, por isso o indivíduo precisa ser fluente e conhecedor em sua dicção. Na linguagem encontramos grande variação linguística no uso da língua. Essas transformações ocorrem, porque a variação é favorável à própria comunidade linguística.

Para que a oralidade seja bem prestigiada é preciso que o indivíduo seja um bom leitor e bom escritor. Diante disso, a leitura torna-se essencial para o desenvolvimento escolar, pois assim aprimora seus conhecimentos, no momento de fazer suas produções escritas e a valorização da língua escrita.

A língua falada tem uma tradição oral independente da escrita. Para Saussure (2000), a língua está sempre em evolução, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel. As maneiras que são organizadas as palavras são confundidas com variedades não padrão da língua, das quais os indivíduos são usuários e notados pelos professores como falhas na Língua Portuguesa. Tanto a fala como a escrita permitem ao indivíduo um raciocínio mais elevado, a oralidade traz oportunidades para desenvolver a fala e saber expressar-se bem, pois a oralidade está na mente de cada indivíduo.

O homem é considerado um ser que fala, pois à medida que ele cresce, vai aprendendo e desenvolvendo sua língua. A oralidade é de grande importância na vida do ser humano, é através dela que conseguimos nos comunicar uns com os outros. Marcuschi (2010), fala da relação do homem com a língua falada e a língua escrita, ressaltando que nenhuma é superior à outra.

Não obstante isso, sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. (MARCUSHI, 2010, p. 17).

Elias (2014), a língua escrita não pode ser uma representação da fala, pois alguns sons dos fenômenos da oralidade não podem ser escritos, além da oralidade poder entendê-la também através da prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Ambas oferecem vantagens para o indivíduo à medida que ele for fazer uso das duas modalidades. Não há mais sentido em colocar a fala apenas como lugar de espontaneidade, de relaxamento, de falta de planejamento.

Na escola, é preciso que o professor de Língua Portuguesa faça um planejamento que envolva os alunos a falarem na sala de aula e que essa fala seja valorizada a partir do interesse de cada um. Mesmo que para esse primeiro momento de interação com os alunos seja através de textos falados, histórias do dia a dia, relatos de acontecimentos de coisas que ocorreram na vida de cada um, entre outros. O aluno precisa aprender que existem várias operações de um texto falado para poder ser passado a um texto escrito. Para Elias (2014, p. 14):

Interessa- nos enfatizar a necessidade de um trabalho de interação fala/escrita pela escola, por entendermos que o estudo da oralidade merece ocorrer paralelamente ao da escrita, em razão do *continuum* e não de um fenômeno com diferenças estanques, dado que a grande diferença encontra-se apenas no modo de verbalização, via aparelho fonador ou via elementos gráficos.

A oralidade é necessária para que o indivíduo consiga desenvolver sua dicção. Para isso, é preciso iniciar quando criança estimulando a ler ou ouvir histórias. A escola é encarregada de fazer essa mudança, mostrar para os alunos outros conhecimentos, para que eles possam discernir sobre as especificidades de uma ou de outras modalidades linguísticas.

A escola possibilita ao aluno uma evolução no enriquecimento de seu vocabulário. A importância de desenvolver habilidades orais dentro do estabelecimento escolar, levam a desenvolver muitas atividades de interação que possam ser observadas no desempenho de cada participante no momento da socialização. Podemos perceber que os alunos ao produzirem um texto escrito têm muitas dificuldades nas suas produções, pois escrevem da mesma forma que falam, suas estratégias de organização são repletas de cortes, interrupções etc. O professor precisa ter conhecimento das dificuldades dos alunos e, através disso, possibilitar novas oportunidades na sala de aula com trabalhos que possam estimular os alunos a exercitar essa passagem, devendo-se achar solução criativa e construtiva nas modalidades falada e escrita.

A aplicação adequada das duas modalidades na escola deve ser bastante estudada já que, ambas andam juntas. Assim, os alunos tornariam fluentes no uso de ambas, nos planos oral e escrito. Se analisarmos, ambas são essenciais na vida do aluno, apesar de muitos pensarem que o principal é saber falar, não basta só expressar-se bem, o aluno precisa saber falar e também escrever, pois, com as variedades não padrão, torna a situação mais desfavorável para o aluno.

Para Marcuschi (2010, p.32), “[...] a fala e escrita não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna bimodal. Fluentes em dois modos de uso e não simplesmente em dois dialetos”. As duas modalidades da língua a falada e a escrita, quando bem compreendidas pelos alunos de maneira que haja um domínio na hora de escrever um texto ou na hora de expressar-se, faz do aluno um bom dominador de dois dialetos.

A língua tem uma tradição oral independente da escrita. A primeira infância acha-se mais familiarizada com a língua materna. Já a escola faz um processo de socialização iniciada pelos pais, para que as crianças possam dar continuidade ao aprendizado da língua.

Segundo Bortoni (2004, p. 25), “na sala de aula como em qualquer outro domínio social, encontramos grandes variações no uso da língua, mesmo na linguagem da professora [...], está submetida às regras mais rigorosas no seu comportamento verbal”. Da mesma forma, se a criança conviver em uma comunidade onde é atribuído o uso das variedades não padrão, logo, a criança aprenderá em sua fala esses atributos, isso porque a criança só irá reproduzir o que ouve, dessa forma, ela organizará seu sistema linguístico de sua língua materna.

Na linguagem encontramos grande variação linguística no uso da língua, nos domínios do lar ou das atividades de lazer. Para Bagno (2011, p. 21), “cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida”. Essas variações ocorrem, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. Durante o desenvolvimento da criança, ela irá adquirir a língua materna, ao se socializar com outras línguas começam as diferenças relacionadas aos papéis sociais. Assim, o indivíduo ao chegar à escola já traz consigo a fala, ou seja, é uma maneira de entender que a criança consegue se comunicar. A escola é incumbida de aprimorar o vocabulário e mostrar as regras para facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos.

A evolução da língua é constante, seja em qualquer classe social isso é notável. Fazendo do indivíduo uma espécie de transmissor das palavras. Enquanto que a escrita

continua sem nenhuma evolução, isso faz com que o indivíduo organize melhor suas palavras ao serem passadas para o papel.

Na opinião de Saussure (2000, p.37), “em primeiro lugar, a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende de permanecer imóvel”. Considerando a escrita, podemos ver muitas organizações ao selecionarmos as palavras certas, talvez essa forma de organizar que nos faz agir com o espírito. Já a língua falada é espontânea deixando livre para expressarmos tudo que é verdadeiro de qualquer classe social. No entanto, sabemos que a língua é universal, dependendo da comunidade do falante o indivíduo sofrerá influência, facilitando assim, melhorar na forma de adaptação da linguagem, pois como se sabe em todos os domínios sociais há regras essas muitas vezes são mais rigorosas em alguns domínios do que em outro.

A partir desses conhecimentos conclui-se que, a oralidade, a leitura e escrita todas são modalidades que necessitam uma da outra para que possam ser desenvolvidas, tendo ambas suas importâncias. A oralidade torna-se importante, já que é através dela que o indivíduo aprenderá expressar-se bem, diante de qualquer situação, pois a oralidade está na mente de cada pessoa. Dessa maneira, a oralidade por estar em constante mudança exige de seu usuário atenção e discernimento no ato da fala.

1.1.2 A leitura

Para Kleiman (1999, p. 91), “a leitura é uma das maneiras que a escola tem de contribuir para a diminuição da injustiça social desde que ela forneça a todos as oportunidades para o acesso ao saber acumulado pela sociedade”. Um ser letrado precisa também ter conhecimentos com as práticas orais como, por exemplo, a maneira de falar ao público, reuniões com as famílias, como pronunciar em palestras, etc., isso tudo define um indivíduo plenamente letrado. Para isso, é necessário ler para tornar-se um bom leitor e desfrutar de bons livros seja de romances ou poemas o que pode ajudar em um bom relacionamento com as obras literárias que são oferecidas nas escolas.

Matta (2009, p. 70), vem conceituar a leitura como uma matéria-prima fundamental para elaboração de textos. “A leitura revela-se uma exigência para a produção e acesso ao conhecimento, tão importantes hoje para o mundo do trabalho e para a participação social e exercício da cidadania”. Essa exigência requer que o indivíduo possibilite um conhecimento com a organização interna e particular de cada gênero. Os gêneros literários ajudam no aprendizado para o mundo da leitura, tornando o indivíduo conhecedor dos valores que permeiam a sociedade, possibilitando novos conhecimentos para o exercício da cidadania.

É importante salientar que as crianças que nascem em ambiente letrado, onde com poucos meses de vida é oferecido a elas leituras infantis, logo desenvolverá uma boa linguagem, o seu aperfeiçoamento linguístico será bastante enriquecido e a afinidade com a linguagem oral e escrita também. Na linguagem oral encontramos grande variação linguística no uso da língua, nos domínios do lar ou das atividades de lazer. Essas variações ocorrem, porque a variação é essencial à própria comunidade linguística. Toda criança adquire uma língua materna ao se socializar com outras línguas começam as diferenças relacionadas aos papéis sociais.

Essa exigência requer que desde os primeiros anos de vida do indivíduo seja influenciado a ler, para que quando cresça possa adquirir um conhecimento mais letrado e, assim, participar do exercício da cidadania e interagir nas práticas sociais. A partir dessas exigências os PCNs (1998, p. 69), conceituam a leitura como “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem”. Para isso, o leitor precisa ser competente, ou seja, gostar de ler, isso ajudará no momento das realizações de seus trabalhos, possibilitando uma competência leitora pela prática da leitura.

Os benefícios que a leitura oferece para as crianças, tornando-as mais criativas e críticas, favorecem uma educação de aperfeiçoamento linguístico invejado por muitos que não tiveram contato ou oportunidades para desenvolver seu meio cultural melhor. Tanto a língua oral de quem conta a história, quanto a língua escrita do livro oferece à criança bons benefícios enriquecendo seu nível linguístico.

Outra maneira de desenvolver o meio cultural do indivíduo pode vir também através do contato com outros tipos de leituras que os professores possam oferecer aos alunos ao planejarem suas aulas. Souza e Feba (2011), afirmam que:

Sabemos que não é apenas a leitura oralizada que necessita ser privilegiada pela escola, pois na vida cotidiana precisamos ter proficiência também em outras modalidades de leitura. Gêneros distintos, tamanhos diferenciados, objetivos diversos demandam variação nas formas de ler. Ao planejar atividades de leitura para os alunos, os professores precisam estar atentos a essas especificidades” (SOUZA e FEBBA, 2011, p. 161).

Considerando essa estratégia de leitura, em relação a gêneros distintos, é uma forma de criar situações que possam despertar no aluno interesse pela leitura, levando a decifrar as várias formas de se ler um texto, dando sentido ao que está escrito e permitindo diferentes atividades nas aulas de Língua Portuguesa conforme os objetivos propostos.

A capacidade da criança em raciocinar o entendimento através de ilustrações ou escritas é natural. O despertar pela leitura, os rabiscos de desenhos, envolvem um pensamento de saberes sobre o universo infanto-juvenil. Para Cagliari (2010, p. 130), “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. A criança ao se relacionar com o mundo da leitura pode despertar o interesse e o gosto por ela, tornando-a capaz de um bom raciocínio questionador e, com isso, ter um bom entendimento no mundo da escrita.

Bajard (2014, p. 45), fala sobre a importância da leitura para as crianças. “A literatura infantil deve ocupar um espaço significativo junto às crianças, na escola e fora dela, e para isso cabe iniciar a convivência com o livro desde os primeiros meses de vida” O relacionamento da criança com o livro abre vários leques para uma riqueza em sua linguagem, tanto na língua escrita quanto na língua oral e na participação da educação em todas as dimensões. A imaginação da criança está em constante evolução, se a criança é estimulada a ler ou ouvir alguém contar histórias, ela passa do mundo real para experimentar o imaginário ou fictício. Assim, possibilitando uma aproximação com a linguagem cognitiva e uma entrada na cultura da escrita.

A literatura infantil oferece inúmeras variedades de livros para facilitar uma aproximação melhor às narrativas e uma capacidade linguística muito diferente, pois o uso de tais termos marca um avanço e funcionamento da língua escrita. É através das literaturas que as crianças foram tendo mais conhecimentos de muitas narrativas e desenvolvendo a oralidade de uma forma mais cultural. Uma história contada através de imagens põe a criança para associar uma coisa à outra e ter um pensamento mais ágil. Pois a interpretações das imagens sequenciais participam como letramento para facilitar o domínio da linguagem das imagens e o bom funcionamento da língua escrita. Deixando a criança preparada para criar ou desenvolver qualquer história, em cima das imagens que lhe for dada.

O reconto de histórias traz para a criança uma forte influência culta em seu vocabulário. A criança pode adquirir um enriquecimento tanto na linguagem oral como na escrita, contribuindo para o seu desenvolvimento na linguagem materna. O reconto ou reescrita é um caminho para a aprendizagem da língua escrita. Segundo Souza e Feba (2011):

A atividade de reescrita possibilita ainda que os estudantes percebam que o texto não é algo ingressado ou acabado, mas que o autor pode refazer a história escrita quantas vezes desejar e da forma que quiser e se propuser, ou seja, o texto escrito é

algo vivo que poderá ser modificado pelo autor de acordo com sua vontade. (SOUZA e FEBA, 2011, p. 167).

Por tanto, reescrever possibilita ao aluno uma compreensão melhor sobre o texto, ajudando-o em um pensamento lógico, dando oportunidades para eles criarem suas histórias da maneira que quiserem. No entanto, a leitura oferece aos alunos um bom enriquecimento em seu vocabulário, tornando-os indivíduos capazes de reconhecer os valores que permeiam a sociedade. Ajudando assim, nas produções de textos e a terem um bom relacionamento com o mundo das leituras.

1.1.3 A escrita

A escrita fortalece o letramento, em cada produção de texto o indivíduo precisa saber elaborar e escrever o texto, de forma que esteja com coesão e coerência, para que se tenha um bom entendimento discursivo. Marcuschi (2010, p. 26), define a escrita como “[...] um modo de produção textual-discursivo para fins comunicativos com certas especificidades e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros [...]”. Devido à escrita seguir umas normas gramaticais convencionais, ela exige um pouco mais de atenção no momento de escrever. Como já se sabe a escrita surgiram tempos depois em relação à oralidade, isso não significa que oralidade seja superior a ela.

A fala e escrita são usadas para dar um sentido melhor e compreensivo nas atividades formais. Dependendo do ambiente em que o indivíduo viva, sofrerá forte influência ou na escrita ou na fala, isso depende do tipo de cultura que lhe for relacionar. A variedade regional vem caracterizar o indivíduo, mostrando de alguma maneira sua verdadeira identidade, pois é o grupo social a qual ele pertence. É uma forma do indivíduo se orgulhar do seu modo de falar. Conquistando com isso, mais privilégios para sua linguagem cultural e uns bons prestígios para sua própria língua, seja na escrita ou na língua falada.

Para Saussure, (2000, p.34), “a língua e a escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto”. A língua e a escritas ambas dependem uma da outra, não se pode definir a língua sem que se pense na escrita ou vice-versa. As duas se definem como objetos linguísticos que se podem evoluir.

Embora a língua e a escrita caminhem juntas, podemos perceber que a língua sofre mudança constantemente, a língua está cada vez mais modificada, enquanto que a escrita

continua com seus prestígios, pois ao escrevermos um texto ou outra coisa, pensamos muito antes de passar para o papel, observando a forma como serão colocadas as palavras.

Devido à escrita seguir as normas gramaticais convencionais, ou seja, ela exige que tudo que for escrito, é preciso uma atenção maior na hora de escrever. Já a língua falada exige um vocabulário mais adequado ao ambiente em que o indivíduo se encontra. Não seria aperfeiçoar a ortografia e sim saber organizar as palavras certas a serem usadas ao escrever algo. Um bom texto precisa ter uma boa interpretação, observando a organização das palavras. Isso seria uma maneira de aperfeiçoar ainda mais a escrita.

Para Cagliari (2009, p.89), “ler é condicionado pela escrita, mesmo que a restrição seja somente semântica. É exprimir um pensamento estruturado por outra pessoa, não pelo leitor falante”. A motivação da escrita veio através da fala para que o indivíduo conseguisse se informar melhor a respeito de algo, assim surgiu à escrita, com o objetivo de fazer com que o leitor seja induzido a ler o que está escrito.

A língua escrita é desenvolvida através de produções de textos, quando a criança ouve a história contada ou vê uma imagem com várias ilustrações e assim por diante tenta montar sua própria história. Produzir seu texto é uma maneira da criança estimular seu cérebro e desenvolver a escrita, a criança que não consegue fazer uma produção naturalmente não aprendeu a ler, para poder ter o prazer de criar suas próprias produções.

As crianças por meio de desenhos conseguem fazer suas próprias leituras, mesmo ainda não sendo alfabetizadas, pois se forem ensinadas, por exemplo, os tipos de placas de trânsito, logo, ela estará fazendo uma leitura. As placas constituem uma escrita, só de a criança observar a placa ela consegue decifrar o que está pedindo cada desenho. O raciocínio lógico das crianças ao se depararem com ilustrações, é a prova de que é possível o raciocínio através de imagens, ajudando para um bom desenvolvimento na transformação da língua escrita.

Outra forma para trabalhar a escrita é através da retextualização, a qual a funcionalidade é fazer com que a criança transforme a história contada em um texto escrito. Assim será trabalhada a leitura, a escrita e a criatividade da criança ajudando em uma compreensão melhor sobre o texto e nos processos textuais da oralidade.

A retextualização ajuda no desenvolvimento e habilidades do aluno. Para Ribeiro (2016, p.13), é “atividade, conhecida de muitos professores, ajuda o estudante a refletir sobre o processo de edição [...] necessário ao texto escrito, tendo-se como fonte um texto oral”. Essa

transformação de um texto para outro é de fundamental importância, porque através dele o professor observará como os alunos estão se relacionando com a leitura e com a escrita.

Dessa maneira, conclui-se que a escrita exige do leitor muita atenção principalmente na hora de elaborar um texto, já que nem tudo que falamos pode-se colocar para o papel, o ato de escrever não basta somente para ensinar a escrever, é preciso saber o que se espera da escrita, seja ela qual for, seu objetivo primeiro é permitir a leitura.

1.2. ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cada professor de Língua Portuguesa procura uma maneira de trabalhar a oralidade, a leitura e a escrita em sala de aula. No momento em que o educador propõe leitura sobre qualquer história, e logo é sugerido que os alunos reescrevam o texto, como já sabemos que a tendência dessa criança ao passar uma história contada para o papel, ou seja, para um texto escrito, sua intenção é escrever do mesmo jeito que fala, com muitas repetições de palavras, sem coesão e coerência, sem nenhuma relação com a norma padrão, é porque toda criança já está com sua base de linguagem construída.

É preciso que o professor perceba essas várias operações da passagem do texto falado para o texto escrito. Matta (2009, p. 66), afirma que “[...] as exageradas marcas da oralidade nos textos escritos dos nossos alunos constituem um problema para o qual devem achar soluções criativas e construtivas”. Para que haja participação dos alunos nessa trajetória de produções, o professor de Língua Portuguesa precisa ser inovador, estar sempre atualizado em relação a suas atividades, trazendo coisas novas para serem aplicadas em sala para que possa despertar neles interesse e gosto por suas aulas.

Através da leitura, oralidade e escrita podem ser trabalhados os gêneros textuais. Levando o foco principal no gênero textual o conto, porque apresenta em sua estrutura uma história focada unicamente num conflito, quando todo esse desenrolar possa trazer soluções. E, assim, o aluno ser capaz de desenvolver no momento certo o processo da retextualização, para que possa ser observada a forma de escrita do aluno e sua criatividade.

No caso dos gêneros textuais, o professor deve propor práticas de leituras e trabalhar a retextualização com os alunos utilizando o gênero textual conto, de forma que haja um entendimento no momento em que os estudantes forem para a prática, ou seja, produzirem seus textos recontando a história sobre o conto sugerido.

Segundo Antunes (2009, p. 54), os gêneros textuais são “o de que a língua usada nos textos - dentro de determinado grupo - constitui uma forma de comportamento social”. Fica evidente que os gêneros textuais vêm tratar de elementos que estabelecem situações culturalmente construídas, como a maneira da utilização da linguagem dentro do texto variando conforme a fala de cada pessoa.

Em relação aos gêneros textuais, pode-se fazer uma breve ligação com o conceito de Marcuschi (2008, p.190), quando explicita “como os gêneros textuais ancoram na sociedade e nos costumes e ao mesmo tempo são parte dessa sociedade e organizam os costumes, podem variar de cultura para cultura”. Nesse caso, também reflete a utilização da comunicação social, quando os gêneros apresentam diversas formas estruturais entre a fala e escrita. Levando para escola os gêneros textuais, o autor apresenta muitas hipóteses para análise do fenômeno.

O gênero textual “conto” apresenta poucas personagens e sua estrutura é fácil de ser trabalhada e compreendida. De tal modo que o professor de Língua Portuguesa pode propor aos seus alunos atividades que desenvolvam a leitura e a escrita, através da inovação com a retextualização do conto trabalhado. Ribeiro (2016), vem falar a respeito da retextualização como atividades importantes a serem trabalhadas em sala de aula.

Em se tratando desse tema, um exercício conhecido é, justamente, “transformar” um texto oral em texto escrito. A atividade, conhecida de muitos professores, ajuda o estudante a refletir sobre processos de edição- palavra fundamental do meu dicionário de professora de redação- necessário ao texto escrito, tendo- se como fonte um texto oral; mas também ajuda a compreender os processos textuais da oralidade, assim como levanta questões a respeito das interferências (desejáveis ou não) da oralidade na escrita e vice- versa (e o vice- versa também é fundamental). (RIBEIRO, 2016, p. 13).

Outra forma do professor trabalhar com os alunos de Língua Portuguesa é através do relato de uma história, para a criança é uma forma de assimilar melhor a história e adquirir uma boa compreensão. A oralidade se faz presente a partir do momento em que o contador inicia a história. Com isso, a criança crescerá com uma oralidade diversificada de outras que não tenham contato com livros.

Neste contexto, a escola é de fundamental importância para o desenvolvimento e formação dos alunos leitores, é através dela que a criança aprende a ler e escrever. A escola abre muitos horizontes para que a criança desperte o gosto pela leitura, pois não basta apenas escrever bem, o aluno precisa saber ler, tornar-se um bom leitor. Para isso, o educandário precisa oferecer para os alunos uma boa biblioteca e atividades que estejam voltadas para a

leitura como oficinas de leitura, com livros infantis ilustrados, trabalhem com o reconto de histórias infantis para que estimulem os alunos a lerem e estes podem passar a apreciar uma boa leitura, tornando-os leitores assíduos.

O universo da escrita naturalmente já se faz presente junto com a leitura oral, através de uma estrutura narrativa estável. Ao ouvir uma história pela primeira vez há um entendimento, porém, quando contada novamente que chamamos de reconto, tem-se um entendimento melhor, assim entra-se para o mundo da oralidade, a qual também constitui o universo da escrita, ou seja, a maneira como será colocada para o papel. Bajard (2014, p. 29) fala das contribuições do reconto das histórias infantis. Para autora “Assim, tanto a língua escrita quanto à língua oral do reconto contribui para o desenvolvimento da língua materna”. A língua materna está associada à língua usada na comunidade do falante, o texto escrito utiliza uma linguagem mais sofisticada, a criança internaliza as leituras e formas da linguagem transmitida.

Para Cagliari (2010, p. 130), “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. A partir do momento em que a criança é alfabetizada, um novo mundo se abre, a leitura e a escrita precisam caminhar juntas sem deixar de frisar que a leitura se torna mais essencial que a escrita. A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, está escrevendo para alguém que possa ler.

Bajard (2014), ressalta que à medida em que o leitor consegue associar a cultura e o letramento ele tem domínios que permeiam todos os preconceitos. Em muitos casos esses domínios apresentados em cada lugar são entendidos como falhas da Língua Portuguesa para muitos professores. O português não padrão é uma língua usada geralmente pelas pessoas menos favorecidas de leituras, pessoas pouco privilegiadas que por algum motivo não frequentaram a escola e pertencem à classe social baixa, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que rege o Brasil.

Bajard (2014), As crianças ao chegarem à escola sofrem preconceitos por falarem de forma diferente, isso muitas vezes é entendido como uma falha, quando é somente uma bagagem linguística “simples” que a criança trouxe de seu contexto cultural. O indivíduo já nasce com sua língua materna, dependendo de cada lugar que frequentar terá uma mudança, isto é, dependendo a qual grupo ele pertencer sofrerá uma forte influência em sua língua.

Portanto, a oralidade, leitura e escrita precisam ser mais trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa, pois todas têm sua essência e prestígio dependendo da atividade que lhe

for proposta. Dessa forma, o professor precisa ir à busca de novos recursos que possam chamar a atenção dos alunos para uma boa leitura ou produção de textos. Não se prender somente aos livros didáticos ou gramáticos, deixando suas aulas monótonas.

1.3. RETEXTUALIZAÇÃO: O QUE É E COMO SE FAZ

A retextualização evidencia para Ribeiro(2016), uma série de aspectos das relações entre oralidade-escrita e escrita-oralidade, envolvendo operações complexas que interferem tanto no código como no sentido. As duas modalidades oral e escrita da língua são bem evidenciadas no processo de retextualização, pois para que ela exista precisa-se reescrever um texto e transformá-lo em outro.

Esse processo de mudança de um texto para outro, ou seja, a reescrita de um novo texto nada mais é que a retextualização. Dell’Isola (apud Ribeiro, 2016, p. 19), a apresenta em seu livro conceituando-a como “um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e de uma reescrita de um texto para o outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”.

A maneira usada de transformar um texto em outro é frequente nas salas de aulas, durante as aulas de Língua Portuguesa, principalmente nas principais séries do Ensino Fundamental. No momento em que é feita leitura de gêneros como contos, fábulas, romances etc., o professor pode pedir ao aluno para que seja recontada a história, pode ser oralmente ou por escrito, assim são trabalhadas as duas modalidades da fala e escrita, e transformadas as modalidades textuais em outras operações específicas da linguagem. Casagrande (2010), faz uma ressalva sobre as aulas de Língua Portuguesa:

As aulas de Língua Portuguesa não podem priorizar o ensino da língua escrita ou falada, mas realizar um trabalho com ambas. Mostrar ao aluno que a fala exige mecanismos, como gestos, entonação de voz, expressões faciais, enfim recursos não verbais, que a tornem clara, para que seja interativa, enquanto os textos escritos não necessitam desses mecanismos, porque o indivíduo tem mais tempo para refletir acerca do que vai escrever e ainda poderá revisar seus textos quando necessário, já que os participantes da interação não partilham o mesmo tempo e espaço. (CASAGRANDE, 2010, p. 726).

O autor enfatiza sobre as modalidades falada e escrita, colocando em evidência a importância do ensino das duas línguas durante as aulas de Língua Portuguesa. Todas as modalidades da língua têm sua importância e exigem diferentes mecanismos, na língua falada podemos observar uma exigência e preocupações com o que será falada, a maneira de verbalizar é muito importante. Na língua escrita a estrutura muda, pois o indivíduo precisa ler

e reler, compreender o que vai escrever e sempre que precisar pode voltar ao texto, ler novamente e modifica-lo.

Entre vários teóricos que definem o que é retextualização, Marcuschi (2010), evidencia propostas que podem ser empregadas na retextualização da escrita para escrita. Para que essa proposta seja alcançada, o aluno deve ser primeiramente um bom leitor, ter uma base em leituras, para que faça um bom entendimento do texto e assim partir para a construção de um novo texto. E através da reformulação conseguir dar sentido ao texto e ser um bom criador. Elias vem falar sobre as propostas apresentadas por Marcuschi:

As operações de retextualização categorizando-as em dois processos: o processo de compreensão, que contempla as operações de inferência, inversão e eliminação, cujo tratamento proporei por meio da relação com a coerência, e o processo de reformulação, que contempla as operações de acréscimo, substituição e reordenação, cujo tratamento proporei por meio da relação com a referenciação. (ELIAS, 2014, p. 136).

Essa proposta está direcionada para os alunos do Ensino Médio, mas através dessas duas categorias que fora colocada por Marcuschi também podemos direcioná-la para alunos do Ensino Fundamental, de maneira que possam compreender o objetivo proposto pelo autor. Em relação à reformulação do texto, deve ficar bem evidenciada para os alunos. Visto como é preciso que haja empenho e dedicação e principalmente compreensão no momento de reescrever o texto.

A retextualização é um dos recursos da Intertextualidade, no momento de fazer a retextualização, o estudante deve saber quais são as estratégias que se usam para desenvolver um texto. Uma das estratégias se dá no momento de substituições de palavras do texto fonte e o acréscimo a outro texto. Essa substituição é adaptar o texto, introduzir palavras ao texto sem deixá-lo perder a essência principal. Na verdade, o processo de retextualização facilita uma compreensão melhor para os alunos, em relação à organização de seus pensamentos, expressar suas ideias, ajudar nas leituras em construir um sentido completo nas produções, tornando-se um escritor criativo e facilitando a boa escrita.

A retextualização exige do leitor conhecimento amplo em leitura, para que possa ter um bom domínio no momento de sua reescrita. Nesse caso, entendemos esse processo como um mecanismo importantíssimo na vida dos alunos, o qual ajudará a terem uma percepção de como realmente os textos falados e escritos se constituem. Segundo Casagrande (2010, p. 730), “a retextualização não é um processo mecânico, pois a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente, mas constitui um processo complexo que engloba operações

complexas que interferem tanto no código como no sentido”. Assim, compreendemos a retextualização como uma transformação visando um entendimento do aluno de acordo com o objetivo final da produção escrita.

Para que possamos entender melhor sobre a retextualização, partimos de um questionamento recorrente a muitos professores: Como ela pode ser trabalhada com alunos do Ensino Fundamental? Criando-se estratégias e levando para sala de aula. Um dos recursos para se trabalhar a retextualização são os gêneros textuais conto, crônica, fábula, por serem curtos e apresentarem em sua estrutura poucos personagens, isso se torna mais fácil de compreender no momento em que forem repassados aos alunos para fazerem suas novas produções. Neste sentido, é possível que a reescrita seja orientada pela relação que o leitor estabelece entre texto e o contexto. Há também esse processo de retextualização pelas estratégias que facilitam uma melhor compreensão, de outro, há aquelas que facilitam a escrita.

Essas estratégias, Elias (2014, p. 140), discute em sua obra sobre a temática discutida até então: “A primeira etapa: Leitura e compreensão do texto a ser retextualizado. A segunda etapa: da compreensão para reformulação, a terceira etapa: a reformulação; e a quarta etapa: a retextualidade”. Essas táticas irão ajudar os alunos a escreverem seu texto de acordo com a linha de coerência traçada pelas leituras que faz o tema proposto.

Outro termo bastante usado para criação de outro texto é a intertextualidade, a qual é um termo que designa ao mesmo tempo uma propriedade para qualquer tipo de texto que estão presentes nas relações explícitas e implícitas. É neste sentido que a retextualização vem ser um dos recursos da intertextualidade, pois ambas se fazem presentes na prática da imitação, nas telas, entre imagens e textos recriados. Bakhtin fala a esse respeito:

Diz que há relações entre textos e dentro dos textos. Isso significa que se deve diferenciar intertextualidade da intratextualidade. Assim, quando duas vozes são mostradas no interior do texto, como no discurso direto, no indireto ou no indireto livre, não se deve falar em intertextualidade. Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos. Para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto que com ele dialoga. (BAKHTIN apud FIORIN, 2008, p. 52).

O autor vem explicar como a intertextualidade se faz presente no texto, acontece a partir do momento em que as duas vozes são mostradas no interior do texto, quando há essa relação de diálogo entre enunciados e textos. A partir desse momento, o texto deve mostrar o seu fio condutor, ou seja, o discurso do outro. Caso não apresente essas características

chamamos de interdiscursividade. Assim, qualquer relação dialógica é denominada intertextualidade.

Essa intertextualidade pode ter início numa escrita, sendo uma atividade socializada e socializante ao mesmo tempo, pois procura alcançar uma didática da escrita que seja mais eficiente. Para Antunes (2009, p. 164), “a intertextualidade é, pois, uma das propriedades constitutivas de qualquer texto, ao lado da coesão, da coerência, da informatividade, entre outros”. Neste sentido, a intertextualidade apresenta relações explícitas e implícitas determinando um texto em outro texto, seja em sentido restrito, todo texto, ou na sua produção e sua recepção.

Assim, conclui-se levantando algumas questões a respeito da retextualização, como ela pode ser trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa? Dessa maneira o professor através dos gêneros textuais contos, fábulas, crônicas, etc., poderá iniciar um trabalho sobre a retextualização seja ela oral ou escrita. Com isso dependendo da forma que lhes forem apresentados a atividade, poderão ajudar os alunos a desenvolverem e colocarem em prática a leitura, oralidade e escrita, deixando-os com seus vocabulários mais ampliados.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Fonseca (2008, p. 86), a metodologia “é a definição dos procedimentos técnicos, das modalidades de atividades, dos métodos que serão utilizados na pesquisa. Vai depender da natureza do trabalho, do tipo de pesquisa e dos objetivos propostos”. É através da metodologia que o pesquisador encontrará diversos métodos que o ajudarão para o bom desempenho no decorrer de sua pesquisa e os instrumentos que serão utilizados em razão de sua natureza. O objetivo é fazer com que o pesquisador faça seu trabalho e de maneira explícita chegue ao fim da pesquisa, esclarecendo a natureza do problema para poder chegar à coleta de dados.

Toda pesquisa necessita primeiramente de um problema, ao encontra o pesquisador precisa pôr esse fenômeno em foco, para poder buscar uma solução ao problema. E assim, por meio da pesquisa metodológica, o indivíduo encontrará maneira ou procedimento para chegar à solução do problema e finalizar uma boa pesquisa em determinados casos.

O tipo de pesquisa encontrado para ajudar a solucionar o problema é a pesquisa bibliográfica. Assim, entende-se por meio da investigação uma maneira mais fácil para que o sujeito encontre tal solução. Para que tudo esteja de acordo com a pesquisa, o pesquisador deverá escolher um local para desenvolver sua pesquisa de campo. Primeiro iniciará observando o lugar, para que possa desenvolver sua investigação diretamente no local desejado, onde ocorrerá a coleta dos dados.

Toda pesquisa requer uma organização para que se possa chegar a um problema, dessa maneira, verifica qual tipo de investigação para que possa esclarecer a razão de sua natureza. Assim, o pesquisador também terá que registrar os instrumentos da pesquisa, quais os procedimentos, as formas de sua aplicação, entre outros que possam lhe ajudar para um bom resultado no decorrer de sua coleta. Para Gil (2006, p. 162), “nesta parte, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa”.

A natureza dessa pesquisa é de caráter qualitativo, porque será nesse momento que o pesquisador partirá para campo, conhecendo o ambiente e verificando quais os procedimentos adotará em sua análise e interpretação do que será trabalhado com os alunos o lado social. Na percepção de Gil (2010, p. 29), a natureza da pesquisa qualitativa é “os ambientes em que ocorrem a pesquisa são muito diversificados. Também são muito diversos os métodos e

técnicas utilizados para coleta e análise dos dados”. A partir da natureza da pesquisa qualitativa é que surgirá a pesquisa de campo, porque surge a necessidade de fazer uma coleta, para isso é preciso que haja um ambiente favorável que possa usar as técnicas de coleta e análises dos dados a serem utilizados no momento do trabalho.

No ambiente da pesquisa o sujeito precisa ter conhecimento do lugar, para que se torne mais favorável analisar seu principal objetivo, e assim garantir que a pesquisa fique enquadrada em única ideia.

Desta forma, o trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira foi feito um levantamento bibliográfico referente ao tema abordado. Na segunda etapa foi realizada a pesquisa de campo. A pesquisa configura-se também, como uma revisão bibliográfica, com base nos estudos de Gil e Fonseca que ajudaram para o bom desempenho desse trabalho.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2010, p. 29), “é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Para que se faça um bom trabalho bibliográfico será necessária colher materiais que possam ajudar, como uma revisão bibliográfica oferecendo uma fundamentação teórica ao trabalho, desde que esteja de acordo com o tema trabalhado. A vantagem da pesquisa bibliográfica permite ao investigador um amplo conhecimento a determinados assuntos, favorecendo um comprometimento com a qualidade da pesquisa.

Na concepção de Fonseca (2008, p. 96), “os fatos são observados, registrados, e analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”. Nesse momento o pesquisador somente irá fazer suas observações para que possa argumentar com o que foi registrado nesse processo de desenvolvimento da pesquisa de campo. Dessa maneira, é preciso analisar a pesquisa de que forma foram classificados e interpretados. Será importante que o pesquisador se dedique à pesquisa, observando o local a ser trabalhado para que no momento da análise tudo ocorra corretamente sem nenhuma interferência.

A pesquisa de campo no entendimento de Fonseca (2008, p. 70), “baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta diretamente no local da ocorrência dos fenômenos. Para a realização da coleta de dados, são utilizadas técnicas específicas, como a observação direta, [...]”. O pesquisador para ir a campo precisa saber de que forma irá efetuar a coleta e quais técnicas serão usadas para desenvolver sua pesquisa para que possa estar de acordo com as ocorrências dos fenômenos. Assim, no momento que entrar em campo o pesquisador não terá dificuldades para fazer suas coletas de

dados, porque estarão vendo como tudo ocorre na realidade, quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos e principalmente trazer um bom resultado para a pesquisa.

A pesquisa de campo desenvolveu-se através das consultas em livros, gravações de entrevistas, com duas professoras de Língua Portuguesa, fichamentos, testes por meio de esse recurso verificar de forma está sendo trabalhada a oralidade, leitura e escrita em sala de aula com os alunos do 9º ano. Em relação à pesquisa de campo, foram juntos aplicados testes e oficina de retextualização para que assim possa observar as dificuldades, o qual obteve bons resultados.

O método de abordagem a ser trabalhado foi o Método Dialético, o qual para Fonseca (2008, p. 102), “é método contrário a todo conhecimento rígido – tudo é visto em constante mudança, pois sempre há algo que nasce e se desenvolve e algo que se transforma”. Esse método envolve uma investigação da realidade, pelo estudo de sua ação recíproca. Essa constante mudança está baseada em relação ao tema proposto, visto como a língua falada evolui sempre, ou seja, está em constante transformação devido à evolução de tantas mudanças. As duas se definem como objeto linguístico que pode se evoluir. Podemos ver que a língua sofre mudança constantemente, a língua tradicional está cada vez mais modificada, enquanto que a escrita continua com seus prestígios. A evolução da língua é constante, seja em qualquer classe social, é notável, e faz do indivíduo uma espécie de transmissor das palavras. Constitui-se esse método de abordagem envolvendo crescimento, desenvolvimento e transformação.

Para que a pesquisa aconteça corretamente é preciso que o método de procedimento esteja de acordo com pesquisa. Nesse caso, o método de procedimento a ser trabalhado foi o bibliográfico e o Método Comparativo, o qual, segundo Fonseca (2008, p. 103), “tem por finalidade realizar comparações objetivando verificar semelhanças e explicar divergências”. A partir desse método foi feita uma comparação das duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e que estão sendo avaliadas e assim possa verificar se há dificuldade de aprendizado em relação ao tema trabalhado e com isso levar a uma discussão para que possam ser amenizados os problemas encontrados.

Nesse caso, configura-se também o método bibliográfico, com base na pesquisa bibliográfica. Para Gil (2010, p. 30), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Com essas vantagens, a pesquisa torna-se favorável ao pesquisador, pois ele não ficará preso somente a dados e sim à qualidade que a

pesquisa bibliográfica apresenta, e à utilização de fontes diversas em relação a determinados assuntos.

As técnicas, de coleta de dados, utilizadas para desenvolver esse trabalho foi a aplicação de um teste diagnóstico em forma de texto para os alunos. Através do teste, foi observado e analisado a escrita e retextualização. A partir da análise do diagnóstico foi apresentada a proposta de retextualização de um conto, para com isso verificar o grau de entendimento de cada aluno no momento de suas produções. Também foi feita uma entrevista com os professores de Língua Portuguesa, para que fosse investigado quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no momento de suas produções e verificar se está ou não sendo trabalhado a retextualização na sala de aula.

Fonseca (2008, p. 105), vem conceituar as técnicas das pesquisas como “um conjunto de normas usadas especialmente em cada área das ciências, podendo- se afirmar que a técnica é a instrumentação específica da coleta de dados, ou seja, a parte prática da pesquisa”. Nesse momento, o pesquisador coloca seu trabalho em prática, e coleta os dados para que possa fazer a pesquisa com resultados gratificantes. A partir do teste diagnóstico e da entrevista com os professores, o pesquisador pode obter seus resultados e responder às questões que norteiam a investigação. As técnicas da pesquisa precisam estar de acordo com o problema e os objetivos da pesquisa, assim o pesquisador terá um bom argumento para ser explorado.

Segundo Fonseca (2008, p. 88), “a totalidade do campo a ser pesquisada chamamos de “universo” e a amostra é o processo de utilização de uma parte desse universo, como base para uma estimativa do todo”. Diante do universo da pesquisa, abrangeu-se somente uma parte do ambiente onde se desenvolveu a pesquisa. A escola onde foi feita a coleta de dados é uma Escola da Rede Municipal, o educandário foi escolhido para desenvolver esse trabalho, por ser uma escola bem localizada e com grandes números de alunos.

Por meio das observações em sala no decorrer das aulas do programa PIBID. O programa é de grande relevância para os bolsistas e principalmente para os alunos. Durante o decorrer das aulas, foram escolhidas duas turmas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental para desenvolver a pesquisa de campo. As turmas foram nomeadas para a pesquisa, por estarem finalizando o Ensino Fundamental II e por participarem do programa PIBID que é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência. Sendo um programa de incentivo e aprimoramento do processo de formação docente para a formação básica.

O programa funciona na escola contribuindo para uma boa interação aluno e bolsista mostrando na teoria e na prática, ou seja, universidade e escola, dessa forma alunos de

licenciatura possam exercer atividades pedagógicas. Durante as aulas os principais gêneros trabalhados são os gêneros literários e gêneros textuais. Por meio deles os alunos têm conhecimentos de muitas obras, o qual é uma maneira de incentivar a leitura e também a escreverem por meio das produções de textos.

Devido às constantes observações das aulas do programa, os interesses que os alunos demonstravam em fazer suas próprias produções abriram-se caminho para que pudesse chegar a organizar uma proposta de retextualização que pudesse ajudar ainda mais a turma, mostrando a eles uma nova visão em relação ao tema proposto.

Segundo Vergara (2000, apud Fonseca, 2008), os sujeitos da pesquisa são as pessoas que fornecerão os dados de que você necessita. É através do sujeito da pesquisa que o pesquisador adquirirá o resultado para sua pesquisa, sendo por meios de observações ou produções de textos aplicados a eles que irão servir para um bom desenvolvimento do trabalho. Podemos analisar os sujeitos da pesquisa como um dos quesitos fundamentais para que aconteça a pesquisa de campo.

A referida pesquisa teve como público alvo, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Parintins. Desse modo, os sujeitos da pesquisa são alunos do 9º ano do ensino fundamental, entre as idades de 14 a 15 anos estudantes de uma Escola Municipal localizada em bairro periférico do Município de Parintins. Os estudantes foram escolhidos para a pesquisa, por estarem finalizando o Ensino Fundamental II, sendo uma boa oportunidade para observar o desempenho e o desenvolvimento de cada aluno em relação ao tema proposto. Como já sabemos, a língua e a escrita são modalidades que andam sempre lado a lado, por estarem sempre em constantes mudanças, desse modo, é preciso levar os estudantes a um conhecimento mais enriquecido sobre a retextualização, para que possam usá-la no decorrer de seu desempenho escolar.

A análise dessa pesquisa fundamenta-se no que será coletado durante o teste diagnóstico, para isso o pesquisador foi em busca das respostas para o problema encontrado. Para Fonseca (2008, p. 121), “a análise tem como objetivo organizar e classificar os dados para que deles se extraiam as respostas para os problemas propostos e que foram objetos da investigação”. Para que a análise da pesquisa tenha um bom resultado, é preciso que faça ligações existentes entre o elemento estudado e o objeto de investigação. O pesquisador precisa organizar o problema trazendo uma solução para o que foi proposto para a descrição dos dados coletados.

É importante que a análise da pesquisa esteja de acordo com a natureza da investigação sendo eles de caráter qualitativo, esses objetivos precisam estar bem explicados, para que possa ser esclarecida toda a natureza do trabalho, levando em consideração o ambiente da pesquisa, a abordagem teórica e as técnicas de coletas de dados.

Desse modo, a análise da pesquisa desenvolveu-se como descritiva, porque precisa ser eficaz facilitando um bom resultado para a coleta de dados, visto que facilite a compreensão e interpretação dos dados. No final da pesquisa, os resultados da análise e interpretação possa assegurar uma ordem lógica na execução das atividades.

A análise descritiva entende-se no decorrer da pesquisa a maneira como foi organizada e qual a procedência das descrições, especificando cada grupo: por idade, sexo, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental. E assim fazer uma análise concreta de seus objetivos a serem alcançados. Para Gil (2010, p. 27), “as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis”. É uma forma de buscar a descoberta de associações entre variante, proporcionando uma nova visão para o problema a ser trabalhado.

A pesquisa precedeu-se da seguinte forma: Foram aplicados para os alunos dois testes diagnósticos. O primeiro teve como objetivo observar as principais dificuldades encontradas pelos alunos na sala de aula. Em seguida aplicou-se uma oficina de retextualização para que incentivem os alunos em suas produções. Por fim, aplicou-se o segundo teste, este com objetivo de verificar se as atividades tiveram bons resultados.

Desse modo, acreditamos em poder contribuir com grande número de alunos no desenvolvimento de suas produções e sem tantas dificuldades na escrita, para que possa-se mostrar o desenvolvimento de cada aluno.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise e discussão dos dados coletados durante a investigação sobre a temática oralidade, a leitura e a escrita: uma proposta de retextualização nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Neste contexto, a convivência e a participação direta na pesquisa permitiram fazer uma análise junto à escola pesquisada.

Procurou-se investigar através da problemática de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Qual maneira de ajudar na sala de aula, os alunos a criarem seus textos e organizarem melhor suas ideias no momento de produção textual. Com isso, sugerimos trabalhar a retextualização de contos para que os alunos assimilem um pouco mais o entendimento sobre a história, para assim desenvolverem seus textos. A pesquisa tem como objetivo geral a investigar de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do E. F.

Buscou-se analisar primeiro os resultados da aplicação de dois testes diagnósticos direcionados aos alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, com objetivo de verificar se os estudantes tinham conhecimento sobre a retextualização. Diante da resposta obtida das duas turmas, iniciou-se os testes, explicando sobre os gêneros textuais e dando ênfase sobretudo no gênero “conto”. Para assim, chegar ao primeiro conto a ser trabalhados com as turmas. Houve a necessidade de fazer os testes diagnósticos porque observou-se no decorrer da pesquisa, que os estudantes do 9º ano estavam com dificuldades em produzirem textos. Em vista disso, ocorreu-se os testes nas duas turmas.

Em seguida, foram analisadas as entrevistas realizadas com as duas professoras de Língua Portuguesa das turmas investigadas. As entrevistas foram organizadas e estruturadas em 05 perguntas direcionadas as duas professoras, abordando questões sobre a problemática de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do 9º ano?

Após a entrevista, apresentou-se para os professores e alunos a oficina de retextualização, o qual foi de grande importância para a pesquisa, com isso foram obtidas boas informações em relação a problemática proposta. A oficina foi sugerida para que através das atividades aplicadas encontrassem respostas para a investigação. Seu principal objetivo

levar para os alunos novas proposta de retextualizar o “conto” a partir das imagens. Com isso, incentiva- lós na produção de textos.

Neste estudo, foi necessário apresentar os resultados principais dos dados coletados através de tabelas para melhor serem analisados. Em seguida, foi feita a análise descritiva dos testes diagnósticos aplicados, das entrevistas e da proposta de oficina, os quais serão apresentados em seguida.

3.1. ANÁLISE DO PRIMEIRO TESTE DIAGNÓSTICO

Neste item, apresentam-se os resultados e análises dos dados obtidos a partir do primeiro teste diagnóstico realizado no espaço escolar com os alunos. Dessa forma, será apresentado o teste a partir das produções textuais produzidas pelos estudantes, tendo como base o gênero textual “conto”, o qual foi escolhido para análise, porque já foi estudado em sala e os educandos possuem um conhecimento mais amplo em relação ao gênero mencionado.

Buscamos apresentar neste capítulo as discussões obtidas acerca das descrições das análises feitas com os alunos durante a pesquisa de campo. O qual parte do conhecimento de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental que não serão identificados pelos seus nomes por questão de ética, então, cada um receberá uma nomeação através de uma letra do alfabeto antecedido da palavra “aluno” para que possa ser identificado durante a análise.

Para que houvesse a aplicação do teste diagnóstico de forma compreensiva, primeiramente foi preparada uma aula com o recurso de slides explicando sobre o gênero “conto”, suas características, conceitos, importância e como analisa- ló. Levando os alunos a assimilarem melhor o conteúdo. Em seguida, foi apresentado um conto de Erico Verissimo “O Diamante”, para que os alunos pudessem ter contato e conhecimento mais aprofundado sobre o gênero escolhido.

O teste diagnostico, foi aplicado para que pudesse verificar se os estudantes tinham informação sobre o que é retextualização. No entanto, os discentes não tinham conhecimento do termo, porém os professores já trabalhavam com os alunos utilizando- se com outro nome. Dessa forma, foi reforçado um pouco mais, para que pudesse dar início à próxima atividade. Assim, pediu- se para que cada aluno fizesse a leitura do conto “O Diamante” e em seguida a retextualização através da escrita. No primeiro momento observou-se algumas dificuldades no desenvolvimento da retextualização.

A retextualização de contos foi uma forma descoberta para que pudesse fazer com que os alunos produzissem mais, pois deveriam recontar de forma que não perdessem o fio condutor da história. Segundo Ribeiro (2010), a prática de retextualização vem gerar uma boa observação em relação às duas modalidades oral e escrita da língua, desde que seja estimulada, pelo pesquisador, várias formas de suportes que possam incentivar os alunos com as produções faladas e escritas.

Para dar continuidade à análise do primeiro teste diagnóstico a partir da retextualização do conto “O Diamante”, verificou-se a produção textual dos alunos, para analisar as principais dificuldades. Para melhor identificar as turmas, a primeira turma será denominada “turma A” e a segunda “turma B”. Desta forma, observou-se o desenvolvimento da produção textual do gênero “conto”, da turma A e B. As duas turmas são formadas por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, com idade entre 14 e 15 anos.

Percebe-se por meio da retextualização do conto “O Diamante”, que na turma “A” somente 07 alunos não conseguiram organizar suas ideias. Na turma “B” foram 12 alunos que apresentaram dificuldades, deixando seus textos com repetições de palavras, sem organização e sem clareza para que se pudesse fazer uma análise melhor. Através da retextualização pode-se observar que os educandos mencionados não se preocuparam em compreender o texto, e tiveram dificuldades para desenvolver a produção.

Marcuschi (2010, p. 47) “fala que antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre atividade cognitiva denominada *compreensão*. Esta atividade em geral se ignora ou se dá por satisfeita e não a problemática[...] no plano da coerência no processo de retextualização”. Isso porque os alunos não conseguem se concentrar no momento das leituras, com isso prejudica seu entendimento no momento de escreverem. Esquecem que essa atividade de retextualizar é de uma importância imensa, porque ajuda no desenvolvimento da passagem da fala para escrita.

Na análise de texto do aluno “A” da turma “A”, o qual está inserido junto àqueles que expressaram dificuldades na organização do texto, com repetição de palavras e sem clareza nas ideias. Observa-se que o aluno não se preocupou em organizar suas ideias ao reescrever o conto. Abaixo apresenta-se um trecho do texto para análise: “*Melho nem fala com ela aí o pai resolveu deixa ela quieta aí o pai e a mãe deixaram ela quieta. Ela falou eu não valo nada, o pai dela corrigiu é eu não valho nada*”. Percebe-se que o educando expressa seu entendimento sobre o conto, mas não consegue fazer um bom desenvolvimento porque para ele é inevitável a presença da oralidade na escrita. Por outro lado, percebe-se que a

retextualização precisa ser mais explorada pelo professor e bastante compreendida pelos alunos. Para que nas próximas atividades de retextualizações essas dificuldades sejam superadas, com isso o domínio da escrita vai se manifestando aos poucos, de acordo com cada estratégia de atividades realizadas.

Segundo Bortoni (2008), a leitura e escrita está na capacidade simbólica do ser humano. As duas modalidades não se desenvolvem naturalmente, a fala envolve funções diferentes no cérebro. Essas dificuldades de aprender a ler e escrever devem-se muitas vezes ao fato de estimular o cérebro a desenvolver atividades pedagógicas e culturais, as redes de neurônios do cérebro para que o aluno faça as conexões no momento de desenvolver a leitura e escrita.

Dos 21 estudantes que participaram do teste diagnóstico, 09 mostraram-se mais interessados e com poucas dificuldades para produzirem, percebe-se que eles conseguiram elaborar um bom texto, suas ideias são mais esclarecidas, porém, na escrita observa-se que os alunos escrevem do mesmo jeito como se tivessem dialogando com outra pessoa, sempre com repetições de palavras e apagamento da letra “r” no final destas. Somente 05 alunos não conseguiram desenvolver suas produções.

No mesmo trecho do texto feito por outro aluno da turma A, o qual está inserido junto aos alunos que melhor desenvolveram o “conto”, aparece o seguinte fragmento: *“Quando o pai de maria chegou em casa, a mãe de maria falou e melho nei fala com ela, na mesa do janta ela falou eu não valo nada, o pai de maria em primeiro luga não é eu não valo nada, é eu não valho nada e ela ficou escutando”*. Observa-se que houve entendimento do conto por parte do estudante, pois organizou melhor suas ideias, porém repete palavras como “ela” e “Maria”. Diante desses problemas, acredita-se que a retextualização escrita carregue muitas marcas da oralidade.

Segundo Marcuschi (2010, p. 79), “uma das características da oralidade é a *repetição*, seja de itens lexicais, sintagmas, orações ou mesmo estruturas, gerando construções paralelas em grande quantidade”. Essa a repetição na escrita pode ser falta de hábito em escrever e ler, o discente não está acostumado a desenvolver textos longos e muito menos ter o hábito de leituras, isso reflete no momento de elaborar suas produções.

Ao observar a outra Turma de 9º ano “B”, percebe-se que há uma quantidade maior de alunos que não conseguiram desenvolver com coesão suas produções. Diferente da primeira turma. Nessa sala, houve poucos alunos que não conseguiram desenvolver suas produções, havendo muitas repetições de palavras, falta de organização no momento de preparar as

ideias, deixando o texto sem sentido. Foi compreendido os mesmos problemas na escrita encontradas na turma “A”, porém com um número maior de alunos. Sendo 12 alunos que apresentaram dificuldades, mas conseguiram escrever seus textos. Destaca-se um trecho do texto escrito pela aluna “B” da turma de 9º ano “B”:

“O pai dela falo que ela estava triste, ela falo que triste porque na sala dela tem muitas Maria, o pai dela disse “você sabe porque o diamante? ,ai ela fala sei porque bonito”. Neste trecho, observa-se que a organização do texto está sem sentido porque não houve um entendimento para o leitor compreender o que a aluna quis dizer. As repetições de palavras “ela” e “triste” e o apagamento em palavras que são terminadas com da vogal “u”, nos finais das palavras estão frequentes. Dessa forma trabalhar com a retextualização em sala de aula, será inevitável o uso das repetições de palavras, devido à forte influência da marca da oralidade sobre a escrita. Dependendo do tipo de estratégias usadas pelos professores de Língua Portuguesa no momento de elaborar as atividades de retextualização, assim, o domínio da escrita aos poucos aparecerá.

Entre os 22 alunos que participaram nessa turma do teste diagnóstico, somente 02 não conseguiram desenvolver suas produções, notou-se que os estudantes não deram devida atenção no momento da apresentação do conto, pois seus textos foram entregues com duas ou três linhas escritas. Ainda seguindo a análise da Turma B, apenas 08 alunos desenvolveram suas produções sem tantas dificuldades. Porém, os enigmas persistem, assim como na turma “A”, repetições de palavras, tendo em vista que palavras escritas antes se repetiram por muitas vezes, a modalidade oral da língua se faz presente na escrita dos alunos. Assim como o apagamento da letra “r” no final das palavras. A seguir uma frase da aluna C, turma A: *“Melho nem fala com ela, ela estava com cara de tristeza. Pior ela estava com cara de amigos nenhum, na mesa do janta ela falou eu não valo nada, o pai dela corrigiu”.*

Neste fragmento da aluna, encontram-se as mesmas dificuldades percebidos nas duas turmas, dá para saber o que a estudante tentou escrever, mas sempre com as mesmas dificuldades já vistas anteriormente. Estes argumentos aqui colocados estão demonstrados nas respostas das professoras entrevistadas: **Prof^ª 1:** *Isso é uma grande dificuldade que nós enfrentamos não só na escola que trabalho [...] parece que nossos alunos não gostam muito de ler, então se você não ler você também terá dificuldades na escrita [...] mas principalmente a coerência do texto eles não tem uma organização, então se torna um texto que nós não conseguimos entender.* **Prof^ª 2:** *A principal dificuldade que eu observo nos alunos é realmente organizar de forma lógica e compreensiva ao seu pensamento, [...] eu sei*

que eles querem dizer alguma coisa só que têm a dificuldade de organizar esse pensamento para escrever.

Para Baptista (2016, p. 210), “o trabalho de produções desses ‘gêneros escolares’ acontece sem que se considere o contexto em que a escrita se realiza, isto porque a escrita é vista como uma só [...] para quem se escreve”. E com isso os alunos precisam se organizar e entender o contexto original ou real e assim constituírem vários modos de escrever.

É perceptível nas duas turmas as dificuldades estão mais voltadas à escrita, o grande problema persiste na turma “B”, tendo em vista que a primeira turma o número é menor que se mostram da modalidade escrita. Em relação ao apagamento da letra “r” no final das palavras, muda completamente o sentido da perda do segmento de suas ideias, nos textos é visto sempre em palavras que são verbos.

Esse apagamento é comum na faixa etária da idade deles, pois para os adolescentes é quase que natural, a maneira de falar ser usada da mesma forma no momento de desenvolver um texto escrito. A modalidade escrita exige do estudante mais atenção e muitas vezes acaba-se escrevendo da mesma maneira que falam sem ter a atenção. Alguns professores de Língua Portuguesa entendem como falta de familiaridade com as palavras, ou seja, a maneira que esses alunos foram alfabetizados sem ter acordo com os preceitos da norma culta e os acordos da língua escrita, sendo considerado como um problema sério a ser resolvido.

Esta perceptiva a presença da oralidade na escrita das produções textuais dos alunos, no entanto, salienta-se que as duas turmas investigadas são finalistas do Ensino Fundamental II, e logo estarão deixando o nível fundamental e em seguida entrando no Ensino Médio. Neste sentido, observa-se que o recurso da retextualização tanto oral como escrito precisa ser trabalhado de forma diversificado, seja retextualizando uma música, um conto, fábula, entrevistas orais e etc., dessa maneira os educandos progressivamente irão aprimorar suas escritas.

Baptista (2016, p. 216), “a prática de ensino de textos, através do conhecimento dos gêneros textuais, representa uma sedimentação que privilegia as práticas sociais como foco orientador para a leitura e para a produção textual”. Dessa forma, através dos gêneros textuais pode-se desenvolver a competência textual do aluno para que aprenda a fazer o uso correto das palavras e compreenda a escrita como prática social.

O gênero textual “conto” por apresentar em análise poucos personagens e uma história curta bem fácil de entender, foi escolhido a ser trabalhado com essas turmas do Ensino Fundamental, porque sua estrutura de certa forma ajudaria os alunos no momento das

produções. Sem deixar de frisar os outros gêneros textuais como fábula, lendas, romance, entre outros que também são excelentes gêneros para se trabalhar em sala de aula.

Ribeiro (2016), sustenta a ideia de que o professor precisar trazer para sala de aula atividades que possam ser trabalhadas, inovando e propondo trabalho de produção de textos, leituras, através da retextualização, isso ajudará a compreender textos orais e a desenvolver textos escritos. Nesse caso, o gênero textual “conto” foi o escolhido para que se pudesse fazer a investigação por ser um gênero bastante utilizado nas séries finais do Ensino Fundamental.

3.2. ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste tópico estão sendo apresentadas as descrições e interpretações das entrevistas com duas professoras de Língua Portuguesa as quais trabalham há algum tempo com os alunos das duas turmas investigadas, os quais são os sujeitos desta pesquisa. Assim, as respostas estarão apresentadas e divididas em tabelas. Para cada resposta, as entrevistadas serão representadas como prof.^a 1 e prof.^a 2, para melhor entendimento dos resultados coletados.

Segundo Fonseca (2008, p. 118), “Para o bom uso de [...] uma boa entrevista, procure-se selecionar pessoas que realmente têm o conhecimento necessário para satisfazer suas necessidades de informações”. A entrevista em muitos casos é excelente para que o pesquisador tenha um conhecimento em relação ao que se está realmente trabalhando. Se a entrevista for aplicada a pessoas que realmente têm conhecimento do assunto, o pesquisador obterá um bom desempenho em sua pesquisa de campo.

O principal objetivo da entrevista é colher informações sobre o assunto ao qual você precisa atender suas necessidades através das informações que serão esclarecidas pelos professores escolhidos para a entrevistas. Bortoni (2008), vem falar sobre tudo que foi coletado para esse momento através de diversas metodologias, precisarão, em seguida ser trianguladas, ou seja, para que se confirme ou não seus objetivos. Essa compreensão observa-se na tabela a seguir, a qual aborda perguntas que possam contribuir de forma satisfatória à problemática trabalhada no decorrer da pesquisa.

Tabela 1: Quais as principais dificuldades dos alunos durante as produções textuais?

Profª 1	Isso aí é umas grandes dificuldades que nós enfrentamos não só na escola que trabalho, mas em todas as escolas as quais já trabalhei é que parece que nossos alunos não gostam muito de ler, então se você não ler você também terá dificuldades na escrita. E aí vem a questão da ortografia é claro que não só isso, mas principalmente a coerência do texto eles não tem uma organização, então se torna um texto que nós não conseguimos entender.
Profª 2	A principal de dificuldades que eu observo nos alunos é realmente organizar de forma lógica e compreensiva ao seu pensamento, eles escrevem eu vejo quando vai-se ler, tem palavras que estão fora do contexto tem frases que não tem uma lógica, eu sei que eles querem dizer alguma coisa só que têm a dificuldade de organizar esse pensamento para escrever.

Fonte: PESSOA/ 2017.

Em relação à tabela apresentada, percebe-se que a professora 01 aponta duas relevantes dificuldades dos estudantes na produção de um texto, a primeira é a falta de leitura dos estudantes, que geralmente não gostam e não costumam ler, a segunda é a falta de organização que acarreta a incoerência textual, onde não é possível, muitas vezes, compreender o que o estudante quer transmitir.

Parece hoje bastante sensato defender que norma e sistema não são critérios bons para se distinguir entre o oral e o escrito, pois é empiricamente inadequado defender que a escrita é normativa e a fala não é normativa. Basta observar povos sem escrita para ver que há também neles níveis diferenciados de linguagem e realizações discursivas tidas como mais ou menos elaboradas. (MARCUSHI, 2001, p. 68).

Com essa ideia, podemos analisar as escritas dos alunos no momento de suas produções, é perceptível a falta de leitura, pois suas escritas apresentadas de formas rebuscas mostram a oralidade impregnada sobre a escrita. Isso dificultando ainda mais seu aprendizado. Como sabemos a fala e escrita são usados para dar um sentido melhor e compreensivo nas atividades formais, ao conversar ou desenvolver um texto escrito a pessoa precisa saber organizar as palavras que irão ser usadas.

Já a professora 02 destaca a falta de organização lógica do pensamento do estudante. Percebe-se que a fala das entrevistadas se complementam, principalmente na questão da organização do texto, evidenciando como maior desafio do estudante a falta de organização lógica que torna o texto incompreensível.

Nota-se que a ideia apresentada pela Profª 2 está de acordo com o pensamento de Marcuschi (2001), ao falar das realizações discursivas boas ou não, é o que se observa nos textos dos alunos. Através das respostas, percebe-se que a principais dificuldades são encontradas no momento de elaborar o texto, mesmo com alguns recursos aplicados em sala ainda se encontram grandes dificuldades no momento de efetuar a produção. A seguir mais

uma questão apresentada na tabela 2 com as respostas das duas professoras, em relação às formas como são trabalhadas a oralidade, a leitura e a escrita em sala de aula.

Tabela 2: De que forma você trabalha a oralidade, leitura e escrita com seus alunos?

Prof^a 1	Geralmente eu costumo trazer para sala de aula jornais, revistas e peço também para eles pesquisarem, então com isso eu acredito que ajuda muito o aluno quando ele tem acesso a vários tipos de textos e com isso com certeza ajuda bastante, então nós levamos para sala de aula nós debatemos eu deixo assim eles muito à vontade para escolher também os textos que eles bem quiserem
Prof^a 2	A oralidade eu trabalho com questionamentos, perguntando sobre coisas do dia a dia e também qualquer texto ou atividades que façamos eu peço para eles comentarem falar do que eles acharam e a oralidade na minha sala de aula eu aproveito todas as oportunidades eu procuro trabalhar de uma forma informal também porque eles tem dificuldades de se expressar tem alunos quase que não fala tem que trava aquela timidez, então eu procuro deixar assim em um ambiente mais informal para poder incentivar eles a falarem. A leitura trabalhamos com vários tipos de textos, com gêneros, a diversidades de gêneros textuais e a produção também nós trabalhamos a partir do texto procurando fazer- lós interpretar o que que eles acharam do texto é qual a opinião dele sobre aquele texto, e também eu estou procurando agora que vejo que está dando certo é fazer eles falarem da vida do dia a dia deles o que aconteceu fazemos assim tipo um trabalho de diário né memórias e eles tem mais facilidades de escreverem sobre a vida deles o que eles vivenciam e vejo que está dando certo esse tipo de produção textual.

Fonte: PESSOA/ 2017.

Observa-se na tabela acima, que ambas entrevistadas possuem metodologias diferentes uma da outra. A professora 01 destaca a utilização de variados gêneros textuais e o debate em sala de aula como ferramenta para o aprimoramento das produções de textos. A professora 02 destaca o questionamento e a instigação para o estudante socializar o que sabe com a turma, para com isso compreender o contexto e interpretá-lo.

Como visto nas respostas das professoras a diversidades de recursos usados em sala para estimular os alunos não são suficientes. Os professores precisam ir em busca de outros suportes que possam estimular e levarem os alunos a entenderem os conteúdos. Nessa hipótese é importante avaliar a respostas das duas professoras dando ênfase aos recursos usados para garantir uma compreensão melhor dos assuntos abordados.

Outro ponto importante a ser destacado foram as dificuldades encontradas através do teste diagnóstico nas produções dos alunos. Percebeu-se que a dificuldade maior está na escrita, pois no momento de retextualizarem oralmente o conto, não se percebeu dificuldades, porém somente na retextualização escrita foi percebido tais enigmas. As metodologias que cada professor encontra para passar seus conteúdos. Tudo isso é refletido nas atividades, provas, trabalhos e produções de textos. Isso ficou visível durante a entrevista e no momento

das aplicações das atividades em sala de aula. Em relação à retextualização foi perguntado às entrevistadas como é desenvolvida em sala de aula, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 3: A retextualização de contos como é trabalhada em sala de aula?

Prof^ª 1	Bom, um desses aqui por exemplo deixa te dar um exemplo que eu achei muito interessante nós pegamos o conto por exemplo do chapeuzinho vermelho e eu pedi para eles transformarem em entrevista e ficou uma coisa muito interessante então porque você pega um conto e daí você vai passa- ló para entrevista e foi uma coisa assim muito legal geral os alunos gostaram muito, dessa forma nós vamos fazendo.
Prof^ª 2	Nas minhas aulas eu procuro trabalhar trazendo contos que já são de conhecimentos deles, ou seja, de alguma forma já conhecem e com isso analiso o conto junto com os alunos, fazemos questionamento sobre seu posicionamento e depois de explicado peço que façam a retextualização colocando todo seu entendimento em suas produções.

Fonte: PESSOA/ 2017.

Em relação à pergunta dirigida a primeira professora, observa-se o recurso utilizado em sala de aula de forma diferenciada, usando os contos e transformando em entrevista, acreditamos que essa maneira de retextualizar uma história ajuda bastante o estudante a desenvolver a oralidade e a escrita. Com base na resposta da professora 02, observou-se que o trabalho de retextualizar o conto, ou seja, recontar a história de uma maneira que não perca a sua história real é trabalhado em sala, dessa forma os alunos já eram conhecedores desse recurso. Em vista disso, Marcuschi sugere que a retextualização pode ser explorada de diversas formas, tanto oral quanto escrito. Para o autor, retextualizar ajuda o estudante a desenvolver melhor as duas modalidades acima mencionadas.

Em princípio, a retextualização plena do texto falado (texto- base) em texto escrito (texto- alvo) deveria passar por todas as operações sugeridas, [...] Com base nisso, pode-se propor este modelo como um aferidor da maturidade linguística do retextualizador quanto à consciência das diferenças da relação fala e escrita (MARCUSHI, 2001, p. 76).

Acreditamos que a contribuição da retextualização para a produção textual é muito importante, porque ajuda e possibilita ao aluno partir de um início e a partir desse início ele vai desenvolver suas habilidades na escrita e produzir novos textos. O pensamento da professora 02 condiz com a ideia de Ribeiro (2010), que retextualizar estimula o aluno a pesquisar sobre modos de produção textual. Para a professora é importante porque vai dar ao aluno essas possibilidades de produzirem e com isso se achar capaz de produzir novos textos. Quando se trabalha a produção textual com os alunos a primeira demonstração é de

dificuldade. Diferente quando você se trabalha com a retextualização, pois permite uma nova possibilidade de produção e valorização do texto. Na tabela a seguir, será apresentada a questão sobre a melhor maneira de desenvolver a retextualização em sala de aula.

Tabela 4: Qual a melhor maneira de trabalhar a retextualização em sala de aula?

Prof^a 1	Eu também gosto muito de pedir que eles assistam jornais entendeu? Assistam jornal com isso a gente tira uma determinada reportagem e aí nós vamos transformar essa reportagem em uma fábula, num conto e assim a gente trabalha eu acho bem interessante e estimulante também porque os alunos eles aproveitam para saber o que está acontecendo no nosso dia a dia, né.
Prof^a 2	Eu vejo que através de textos conhecidos que assim que eu vou trabalhar a partir daqueles textos que eles já conhecem já tem aquela afinidade muitas vezes, já faz parte da história de vida deles que eles ouvem muitos textos desde a infância desde a educação infantil eles já conhecem muitas histórias muitas fábulas, então a partir desses textos que eles já conhecem se torna mais fácil para eles produzirem.

Fonte: PESSOA/ 2017.

Percebe-se que a professora 01, trabalha com a retextualização de forma diversificada levando para dentro da sala de aula acontecimentos do dia a dia através de jornais revistas e programa de televisão. Dessa maneira segundo a docente os alunos participam e gostam das atividades, acredita-se que essa foi a maneira encontrada pela professora para prender a atenção dos alunos e estimular em sua compreensão.

Entre as duas professoras constata-se que há formas diferente de trabalhar com a retextualização. A professora 02 apresenta outra maneira levada para sala de aula para que os alunos façam suas produções. Em cima dos gêneros textuais conto, fábula. Para a docente se torna mais fácil e de boa compreensão, visto que são histórias de seus conhecimentos e assim a produção torna-se mais favorável a eles.

Baptista (2016, p. 216), “assim, as práticas de ensino de textos, através do conhecimento dos gêneros textuais, representam uma sedimentação que privilegia a [...] para a leitura e para a produção textual”. O ponto de vista da autora é relevante e concorda com a professora 02, acreditando-se que a partir desse convívio com os gêneros textuais os educandos possam-se tornarem bons leitores e escritores, porque é daí que surgirá estímulos a procurarem ir um pouco além para buscarem seus objetivos.

Tabela 5: Durante as produções de textos dos alunos, você acredita que há influência da fala para a escrita?

Profª 1	Sim, quando nos deparamos com os textos dos alunos é logo o que observamos na escrita a influência da língua oral na língua escrita. Pois os alunos tendem a escrever da mesma forma que falam, como se nesse momento ele estivesse dialogando com outra pessoa.
Profª 2	Sim, há influência sim. É bem evidente nas expressões que eles colocam, nas palavras eles tem muito essa facilidade de transcrever como eles falam e aí nós temos que ter um outro trabalho de mostrar para eles que a linguagem escrita ela tem algumas particularidades que você não tem na fala e vice-versa que a fala tem alguma particularidade que você não tem como colocar na escrita.

Fonte: PESSOA/ 2017

Observa-se que as respostas das professoras 01 e 02 foram positivas em relação à pergunta sugerida sobre a influência da oralidade para a escrita. Dessa maneira, ficou comprovado na aplicação do teste diagnóstico, quando através dos textos dos alunos foi percebida essa influência. Com as respostas das professoras, chega-se a essa conclusão de que nas produções dos alunos é perceptível a influência da língua oral na língua escrita.

Segundo Saussure (2000, p. 34), “a escrita pode muito bem, em certas condições, retardar as modificações da língua, mas, inversamente, a conservação desta não é, de forma alguma, comprometida pela ausência da escrita”. A preocupação do autor com a escrita nos leva a refletir acerca das dificuldades encontradas nos textos dos alunos. Aonde não há preocupação por partes deles em questionar-se essa ausência na escrita, como se a escrita fosse dominada pela língua oral.

As perguntas estruturadas e dirigidas às professoras abriram uma luz para a pesquisa, pois durante a aplicação do primeiro teste diagnóstico essa influência ficou bem evidente. Para que os alunos procurassem examinar essas dificuldades em suas produções, foi levada para sala de aula a proposta de retextualização para que juntos pudessem analisar a oralidade, a leitura e a escrita dos alunos. As perguntas feitas para as docentes tiveram maior importância para a pesquisa. Assim foram verificados de que forma é trabalhado a retextualização de contos em sala de aula.

No entanto, acredita-se que a entrevista foi favorável para que se fosse percebido as dificuldades que os discentes encontram no momento de retextualizarem seus contos. Com isso as professoras abriram espaço para que pudessemos trabalhar incentivando os alunos desenvolvimento e habilidade na oralidade e na escrita.

3.3. APLICAÇÃO DA OFICINA: ANÁLISE E REFLEXÃO

Com base em todos dados coletados e analisados por meio da pesquisa houve a necessidade de aplicar uma oficina de retextualização. Para que essa atividade venha contribuir nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, levá-los a terem diferentes contatos com tipos de produções, falada e escrita. A oficina tem como principal objetivo desenvolver a prática de leitura dos alunos, propondo atividades de retextualização a partir da oralidade, leitura e escrita.

A oficina foi aplicada em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, os quais eram sujeitos de nossa pesquisa e também participaram dos dois testes diagnósticos. A referida oficina foi aplicada em dias diferentes, com isso procuramos elaborar atividades que ajudassem no entendimento melhor aos alunos acerca da língua oral e língua escrita.

A oficina dividiu-se em 04 atividades, foram cedidos dois tempos de aula, para cada tempo dois momentos. No primeiro momento, deu-se início à realização do trabalho. Com um breve comentário sobre o gênero textual “conto”, explicando o que é conto, como analisá-lo e os traços demarcadores sobre o conto. Com isso, leva-los a aprofundar o conhecimento sobre o gênero textual “conto”. No momento da explicação, percebeu-se a atenção e interesse por parte dos alunos. Haja vista, que neste espaço surgiram muitas perguntas e questionamentos.

Em seguida apresentou-se a obra e o nome do autor, para que os alunos tivessem conhecimento em relação ao conto. Dando sequência, foram feitas a leitura da história através das imagens fixadas ao quadro, para que houvesse um entendimento melhor da narrativa. Seguindo com um breve comentário e explicação sobre o conto. Observou-se que os alunos ficaram em silêncio para entenderem melhor a história. Dessa forma, o pesquisador explanou perguntas em relação ao conto, todas respondidas com êxito, a participação da turma nos leva a verificar a importância da retextualização nas aulas de Língua Portuguesa. Assim percebemos que a retextualização através das imagens de conto, ajudou os educandos assimilarem a história, com isso produzirem com mais vigor seus textos.

O segundo momento verificou-se o conhecimento dos alunos sobre o que é retextualização? Por sequência, explicou-se o que é e como se faz uma retextualização. Para passar à próxima atividade, em seguida retextualizou-se o conto “A história da inteligência” oralmente. A partir do conhecimento da retextualização, a sala foi dividida em dois grupos, cada membro do grupo foi à frente fazer a retextualização oralmente seguindo as imagens

fixadas no quadro. Com isso, a oficina foi bem aceita pelos alunos, levando a um conhecimento aprofundado sobre a retextualização.

Com base nos PCNs (1998, p. 24), “acreditamos que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos”. Dessa forma, cremos que a oficina de retextualização veio contribuir para a vida escolar dos estudantes, pois no momento de retextualizar o conto oralmente observou-se a interação e competência discursiva perante as duas turmas.

Percebemos que os educandos mostraram bastante interesse pela forma como foi abordado o conto “A história da inteligência”, do escritor Elson Farias. O qual vem recheado de ilustrações bem coloridas. Para a oficina foram tiradas várias cópias coloridas e ampliadas, isso despertou a atenção dos alunos fazendo com que dessem mais atenção na hora da leitura através das imagens. Essa estratégia de leitura visual através das figuras é bem interessante fazendo que os alunos assimilassem melhor a história. A oficina foi participativa no momento de fazerem a retextualização oral. Assim, respondendo algumas questões levantadas pelo pesquisador.

Para prosseguir a oficina, com as gravuras expostas ao quadro, cada aluno desenvolveu sua produção de retextualização do conto escrito, para que assim pudesse ser observado seu entendimento em relação a retextualização. Com isso foram apresentadas outras atividades na oficina com objetivo de observar de que forma está sendo trabalhada a oralidade, a leitura e a escrita no momento da retextualização ou seja, o aluno escreve a história de forma que não perca a sua essência.

Elias (2014), faz uma ressalva sobre o cuidado que o aluno deve ter ao escrever seu texto, em sua opinião lendo, escrevendo, relendo e reescrevendo, ele procura cumprir o propósito primeiro de sua escrita, que é a interação/ intercompreensão. Assim o estudante precisa compreender o que irá escrever sem que desvie o mecanismo da construção da ideia da escrita. Convém destacar a capacidade de leitura do aluno para assumir o papel do leitor crítico de seu próprio texto.

Tendo como base tudo que foi explanado sobre a oficina de retextualização, acredita-se que foi de grande importância para os alunos, já que eles participaram ativamente dos comentários sobre o conto e também na ocasião de fazer a retextualização oral. Outro momento relevante foi na produção da retextualização através das imagens. A oficina aplicada

foi a forma escolhida para mostrar aos alunos uma maneira de produzir um novo texto a partir das ideias de um texto original.

Portanto, acredita-se que a retextualização é um termo pouco conhecido por alunos e professores do Ensino Fundamental, apesar de que alguns já conhecem e até desenvolvem atividades utilizando-o. Assim, a oficina mostrou-se importante, porque ofereceu diversidade de atividades envolvendo oralidade, leitura e escrita através do gênero “conto”.

3.4. ANÁLISE DO SEGUNDO TESTE DIAGNÓSTICO

O referente tópico vem analisar os dados obtidos a partir do segundo teste diagnóstico aplicado em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo do segundo teste foi de comparar o desenvolvimento e habilidades dos alunos no que diz respeito às dificuldades encontradas no primeiro teste aplicado anteriormente. Dessa maneira, comparar esses resultados, verificando se houve uma melhora no conhecimento dos alunos sobre retextualização, a partir da aplicação da oficina.

Com base no primeiro teste diagnóstico, o segundo sucedeu-se da mesma maneira que o outro. Trabalhando com o mesmo assunto, os gêneros textuais com foco no gênero “conto” e a retextualização. Com isso, reforçou-se primeiramente sobre como analisar um conto, suas características, estrutura e elementos, em seguida a leitura e análise do “conto” apresentado. Logo após, passou-se à retextualização escrita, dando ênfase à temática sobre oralidade, leitura e escrita. De acordo com os PCNs (1998), é preciso desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos e de assumir a palavra, produzindo textos em situação de participação social, o que se propõe ao ensinar diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtora e transformadora.

Seguindo essa expectativa do desenvolvimento do trabalho escolar em relação as produções de textos trabalhando com a escrita e a oralidade, é interessante afirmar que essas atividades ajudam no estímulo, competência e permitem aos estudantes uma participação transformadora nas aulas de Língua Portuguesa.

Diante disso, antes dos alunos começarem suas produções foram abertos um espaço para debates em relação ao conto anterior, tendo em vista a devolução de suas produções corrigidas, para que juntos observassem suas principais dificuldades no momento de produção, com isso levando os alunos a uma compreensão melhor da importância dos testes diagnósticos e da oficina de retextualização utilizando para isso o gênero textual conto.

Para Ribeiro (2016), o tema retextualização é um exercício conhecido, é justamente, “transformar” um texto oral em um texto escrito. Ajudando a compreender como ocorre o processo da oralidade, essa transformação da língua oral para a língua escrita, levando os alunos a refletirem acerca do irá desenvolver em seus textos.

Em seguida, cada estudante fez suas devidas observações, para que na próxima produção não seguissem as mesmas dificuldades. Nesse momento, foi explicado sobre os principais enigmas encontrados no texto, mostrando através de slide alguns fragmentos de seus textos para análise.

Assim, dando continuidade as correções do conto, recolheu-se as produções antigas para que os alunos pudessem dar prosseguimento à nova retextualização do mesmo “conto” do escritor amazonense Élson Farias “A história da inteligência”. Dessa vez, os estudantes não tinham acompanhamento do conto através das gravuras e sim de suas lembranças. Observou-se ao fim das produções que os alunos tiveram cuidado para não escreverem de qualquer jeito. As produções foram além disso bem elaboradas e suas ideias foram mais esclarecidas.

As duas frases a seguir mostram o avanço dos alunos do 9º ano “A”, em relação à retextualização: **Aluno “A”**: “*Deus ficou furioso decidiu dar um castigo neles expulsar os dois do paraíso e depois de pecar eles criaram vergonhar de seus corpos*”. **Aluno “B”**: “*A serpente manipulou à Eva a comer o fruto proibido, que incentivou ao Adão comer também*”.

Observa-se que o aluno “A” conseguiu organizar suas ideias, seu entendimento sobre o conto, somente faltando fazer algumas correções ortográficas. Os problemas encontrados anteriormente como repetições de palavras e apagamento da letra “r” no fim das palavras foram esquecidos. Assim, percebe-se que os estudantes prestaram atenção no momento de suas produções, isso é gratificante observar nas correções feitas por eles mesmos, no momento da análise feita durante a apresentação dos slides. Já o aluno “B”, também foi percebido que o estudante conseguiu entender as colocações das ideias, organizando seu texto com mais clareza.

A seguir as duas frases de dois alunos da Turma “B” que também mostraram avanços a partir da aplicação da oficina e dos testes diagnósticos. **Aluno “C”**: “*Então Deus ficou tão bravo que o espusou do jardim e casdigou que homem iria trabalha para conseguir as coizas e a mulher das dores da vida*”. **Aluno “D”**: “*Deus tinha colocado Eva e Adão no paraíso e disse que podia comer de tudo menos o fruto proibido [...]*”.

Na produção do aluno “C”, percebeu-se que houve avanço na organização das ideias, deixando o texto mais explicado. Porém com algumas dificuldades que apresentara no teste anterior, como uso “r” no fim de palavras, deixando de fazer as correções ortográficas talvez por falta de atenção no momento de escrever. Outra dificuldade do estudante está na troca da letra “g” pela “c”, como na palavra “castigou”, continua fazendo troca da letra “s” pelo “z”. Isso reflete a costume que falamos e a forma como falamos. Os alunos não estão preocupados com a modalidade oral da língua. Observou-se que o aluno “D” ao produzir seu texto se conteve em sua escrita, organizou suas ideias, pois não observamos palavras repetidas, somente no decorrer de todo texto esquecendo o “r” no fim de algumas palavras, com isso fica claro que o estudante se preocupou em fazer algumas correções.

Acredita-se que o recurso da retextualização de contos ou outros gêneros é de grande relevância para ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. Principalmente para o desenvolvimento das produções textuais dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental, pois estarão indo para o Ensino Médio, e a retextualização pode ajudar a melhorar a escrita desses estudantes dependendo dos tipos de estratégias usadas pelo professor.

Portanto, espera-se que essas estratégias de retextualização através de imagens e com o próprio conto, sejam trabalhados outras vezes nas aulas de Língua Portuguesa, observou-se uma boa maneira de ajudar os alunos a produzirem seus próprios contos e desenvolverem sua escrita. Diante disso, é uma maneira de incentivá-lo a ir buscar outras formas de retextualizar textos para que possam dominar não somente a língua oral, mas também a língua escrita.

CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO

A proposta aqui apresentada vem tratar assuntos da oralidade, a leitura e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa através da retextualização de contos. Dessa forma, está direcionada para as aulas de Língua Portuguesa dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo da proposta de retextualização é investigar de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Com isso, oferecer para os alunos do Ensino Fundamental como podemos desenvolver um texto a partir de outro, desde que não tire sua essência, ou seja, o fio condutor que dialoga com o outro texto.

A retextualização desenvolve no aluno o papel do leitor crítico do próprio texto, despertando de tal modo interesse em aprimorar suas ideias, seus conhecimentos e dúvidas, procurando sempre ler, escrever, reler e reescrever. Assim, pode desenvolver a escrita e a leitura, compreendendo melhor os mecanismos de construção do sentido.

Nem precisa muito esforço para perceber em “a leitura atrapalha”, na verdade, a compreensão deturbada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionamento como um imenso entrave à aplicação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. (ANTUNES 2003, p. 30).

Para os alunos cabe interesse maior em lerem para aprimorar a língua oral e língua escrita, pois as duas modalidades são inseparáveis e precisam de um enfoque maior com enriquecimento em leituras e habilidades para escrita.

Destaca-se a seguir as etapas da oficina: A primeira etapa trata, das leituras através das imagens fixadas ao quadro. A segunda etapa vem tratar da oralidade e leitura através do “conto”. A terceira etapa, trata sobre a retextualização escrita do conto.

1º Etapa

A proposta de oficina começará com uma base teórica, a partir da explicação sobre conceitos e importância da retextualização e sobre o gênero textual “conto”, através desse conhecimento será apresentado para os alunos um conto do escritor amazonense Élfon Farias “A história da inteligência”. O conto será lido através das imagens do livro que estarão fixadas ao quadro. Para que os alunos possam assimilar e terem um bom entendimento em

relação ao conto, despertando nos alunos interesses que possibilitem um bom trabalho no momento que lhe for aplicado a proposta para a retextualização.

2º Etapa

Após o entendimento da proposta, o professor dará uma sugestão para que os estudantes façam um reconto, ou seja, uma retextualização do conto “A história da inteligência”. Isso sem deixar de explicar o que vem ser a retextualização. Em seguida a sala será dividida em dois grupos, cada grupo terá um componente para que possa fazer a retextualização oralmente através das imagens. Observando o grau de entendimento e capacidade de cada estudante.

3º Etapa

Para dar continuação ao desenvolvimento do que foram propostos, os alunos elaborarão seus próprios textos através das imagens que estarão fixadas ao quadro, isso ajudará a formular suas ideias no momento de produção. Sempre dando sentido naquilo que está sendo construído, sem deixar de tomar como base o texto que está se dialogando. Segundo Elias (2014).

Essa reflexão permite-me apresentar uma sugestão para o trabalho em sala de aula, focada no processo de retextualização, que, ao ser substituído pelos princípios teóricos aqui discutidos, possibilita ao professor trabalhar a escrita no ensino médio como um processo de autoaprendizagem contínua, em que as etapas se completam (ELIAS 2014, p. 139).

Durante a construção dos textos, o professor explicará para os alunos quais os principais processos que estão sendo desenvolvido no momento da reconstrução do texto, isso será importante e ajudará para compreender melhor como seu discurso está sendo escrito e lido e de que forma essa leitura foi construída.

O aluno será capaz de desenvolver uma retextualização coerente, se fazer uso de expressões consonantais com o contexto de sua produção. De modo que haja compreensão e entendimento no ato de fazer suas próprias produções, assim os alunos terão em mente o significado do que é uma retextualização.

4º Etapa

Essa parte será observada as dificuldades dos alunos em fazer sua retextualização, verificar se está sendo bem organizado, se as passagens do texto oral para o texto escrito estão corretas, e como estão inserindo os sinais de pontuações para tentar transmitir as emoções expressas oralmente pelo narrador. Caso o aluno consiga elaborar seu texto corretamente seguindo todos os passos, podemos evidenciar que houve entendimento por parte dos alunos.

Por tanto, essa proposta tem uma grande importância na vida escolar dos estudantes do Ensino Fundamental, pois é uma maneira de incentivá-lo a desenvolverem melhor seus textos. Espera-se que com essa proposta aplicada nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano, tenham-se bons resultados através desse recurso que é a retextualização de contos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, procurou-se analisar a temática a oralidade, a leitura e a escrita: uma proposta de retextualização nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Com o propósito de inserir junto à pesquisa atividades que possam levar a valorizem tais recursos, visando possibilidades de produções de textos em torno da língua falada e da língua escrita.

Cabe ao Ensino da Língua Portuguesa valorizar tais recursos, que estimulam os estudantes a refletirem no momento de trabalharem com as produções escritas. Assim, buscou-se verificar nas aulas de Língua Portuguesa como eram trabalhadas a retextualização de contos, sem deixar de frisar a oralidade, a leitura e a escrita. Verificando suas principais dificuldades.

Compreendemos que essa pesquisa, no contexto escolar, nos levou a perceber as dificuldades encontradas pelos estudantes em relação à oralidade, leitura e escrita a partir dos textos desenvolvidos em sala no momento das atividades. É preciso levar os alunos a compreenderem a importância da leitura para a aquisição da escrita. Para Câmara Júnior (2008):

A esses requisitos se ajusta o problema da ortografia, que é tipicamente um problema de língua escrita, com as suas convenções em regra muito acatadas pelo consenso social. As grafias errôneas, às vezes irrelevante, em si mesma, ganham vulto e importância, porque são tomadas como índices da cultura geral de quem escreve, mostrando nele, indiretamente, pouco manuseio de leituras e pouca sedimentação do ensino escolar”. (CAMARA JÚNIOR 2008, p. 60).

Dessa forma, é compreendido que os alunos não têm o hábito de ler, talvez a escola pode ser o único espaço em que esses educandos leem. Com isso, a proposta de retextualização apresentada vem suprir esse espaço, favorecendo para os estudantes recursos que possibilitem o contato com outros tipos de leituras que chamem a atenção e os leve a produzirem bons textos.

Essa pesquisa buscou alcançar seu principal objetivo, investigar de que forma a oralidade, a leitura e a escrita vêm sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, mediante os dois testes diagnósticos e a proposta de retextualização foi percebida uma mudança favorável nos textos de cada aluno. Durante a investigação, percebeu-se que os estudantes desconheciam o termo “retextualização” e tinham dificuldades em organizar suas ideias acerca do que iriam escrever,

deixando o texto sem coesão e coerência. As modalidades falada e escrita podem trazer para as aulas de Língua Portuguesa muitas questões a serem trabalhadas, uma delas pode ser a retextualização a partir do gênero “conto”. Essa maneira de trabalhar a oralidade, escrita e leitura pode ser de grande relevância para incentivar os alunos a ler e desenvolver melhor a escrita, permitindo que percebam como são constituídos os textos falados e escritos sempre com a preocupação de organizá-los de forma correta. A partir dos testes e da aplicação da oficina houve uma melhora muito grande em relação aos aspectos observados anteriormente. Assim, pode-se dizer, que o objetivo geral foi alcançado.

Enfatizamos em verificar as questões que nortearam essa pesquisa, tendo em vista as entrevistas com as duas professoras e as pesquisas em sala. Assim, foi percebido que as aulas de Língua Portuguesa na escola, precisam dar ênfase maior nas modalidades da língua e da escrita principalmente no que diz respeito à última questão que norteia a pesquisa: quais as influências da fala na escrita, nas produções textuais dos alunos ao desenvolverem a retextualização? Assim, ao analisamos as produções de textos dos educandos, verificou-se uma diferença grande sobre a escrita. Porém, através da aplicação da oficina de retextualização essas pendências foram amenizadas nas duas turmas. Esperamos que essa atividade proposta possa contribuir nas atividades de retextualização tanto oral como escrito durante as aulas de Língua Portuguesa, para que ler e escrever não sejam obstáculos para nossos alunos e sim apreciados por todos.

Ressaltamos a importância de trabalhar a retextualização oral e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, principalmente através dos gêneros textuais. Com isso, é relevante afirmar que a proposta de retextualização apresentada neste trabalho pode contribuir consideravelmente com a oralidade, leitura e escrita dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para reflexão de outros trabalhos, e de novas abordagens para o Ensino da Língua Portuguesa. Recomendamos o trabalho para os professores de Língua Portuguesa, aos acadêmicos do curso de letras, aos alunos do Ensino Fundamental II e a escola de modo geral a qual foi desenvolvido a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** 1^a ed. 3^a reimpressão. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística.** 17. Ed. – São Paulo: 2011.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura.** – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

BAPTISTA, Livia Mácia Tiba Rádis, **Autores e produtores de textos na contemporaneidade; multiletramento, letramento crítico e ensino de língua** - Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI, Ricardo, Stela Maris, **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa-** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____, Ricardo, Stela Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** – São Paulo: Scipione, 2009.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Manual de Expressão Oral e Escrita.** 25. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CASAGRANDE, F. C. G. . Língua Falada e Língua Escrita: Uma Proposta Didática Para as Aulas de Língua Portuguesa. In: **VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2010,** Londrina. Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: eduel, 2010. v. VIII. p. 724-736.

ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura.** – ed., 2^a reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** – São Paulo: Ática, 2008.

FONSECA, Luíz Almir Menezes. **Metodologia Científica ao Alcance de Todos.** 3^o edição. Manaus: Editora Valer, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa/Antônio Carlos Gil.** – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

_____, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4^a ed. – 8^a. Reimpressão. – São Paulo, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. Silva E, Morais. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas, SP, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Da fala para a escrita: atividade de retextualização/** 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 1ª ed. 5ª. Reimpressão. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTA, Sozângela Sheimim da. **Português, Linguagem e Interpretação.** Curitiba, 2009.

MEDEIROS, João Bosco, **Redação Científica: a pratica de fichamentos, resumos, resenhas.** 11.ed.- 6. Reimp- São Paulo: Atlas, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa, **Linguagem, tecnologia e educação.** São Paulo: Peirópolis, 2010.

_____. Ana Elisa. **Textos multimodais: Leitura** Parábola Editorial, 2016.

SAUSSURE, Fernand, **curso de Linguística geral.** Ed.22. São Paulo. 2000.

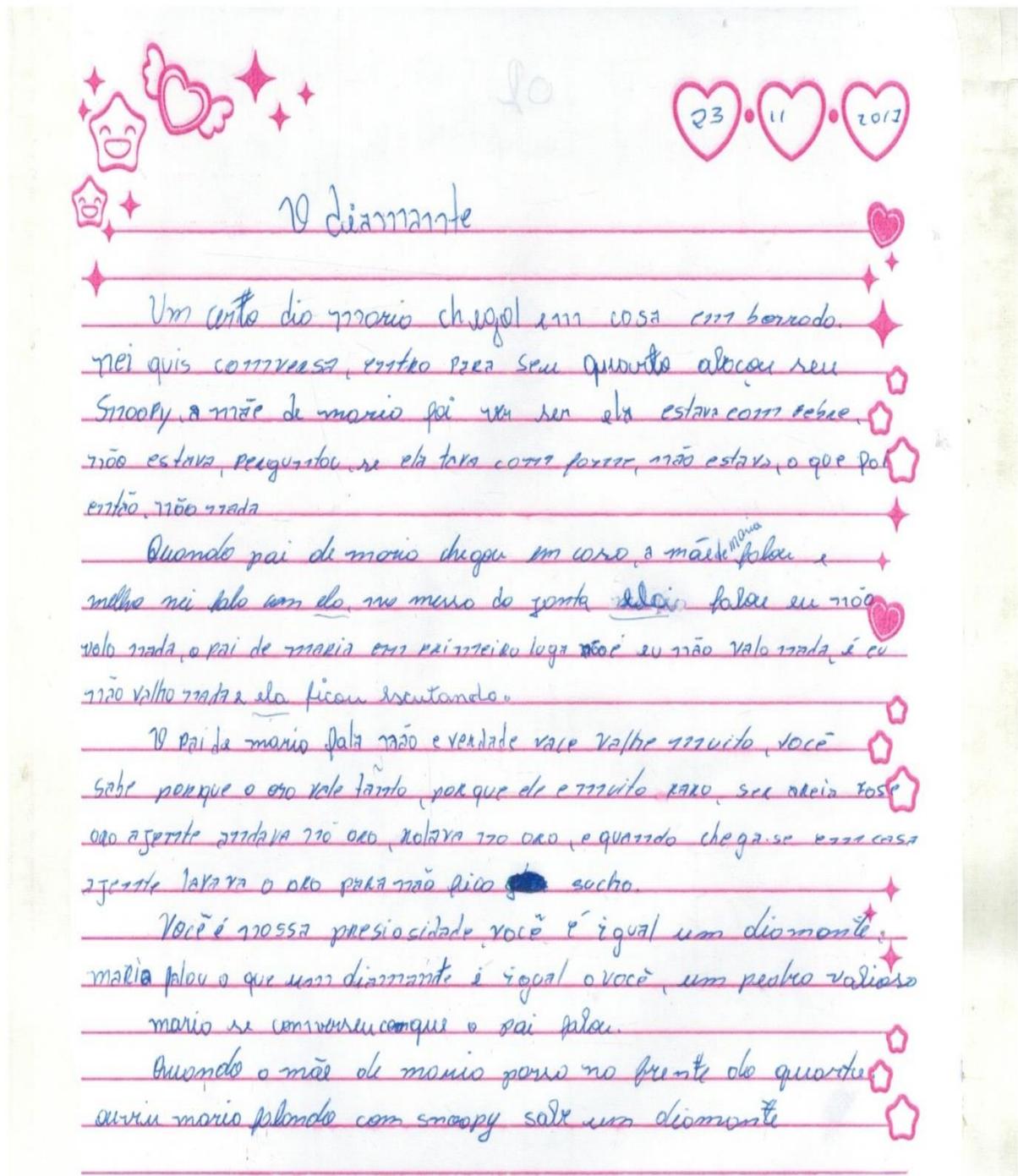
SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari; (Organizadoras). **Leitura Literária na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** 1ª. Ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ANEXOS

Anexo 1

Era uma vez uma menina chamada Maria, que está muito chateada porque na sala dela tem sete Marias e ela não se sente importante e não quer falar com ninguém nem sua mãe. No hora da festa quando o pai de Maria chegou em casa, a mãe de Maria falou e melho não fala com ela, na mesa do festa ela falou eu não vejo nada, o pai de maria em primeiro lugar não é eu não vejo nada, é eu não vejo nada e ela ficou escutando o pai fala da história do diamante que é super raro e precioso e disse que Maria parecia um diamante mesmo tendo muitas Marias na sala dela, o nome era como árvore que tem muita e o nome era o diamante porque era única.

Anexo 2



Anexo 3

Quando tava anoitecendo Maria chegou em casa chorando e se trancou num quarto, sua mãe tentou conversar mas Maria só queria saber de ficar triste e depois foi jantar e seu pai chegou e viu que ela tava triste e o pai dela falou que ela estava triste, ela falou que triste porque na sala dela tem muitas Marias, o pai dela disse "você sabe porque o diamante?" aí ela falou sei porque bonito e ele disse que porque ele não é encontrado em todo lugar e comparo Maria com o diamante pois ela era especial mesmo existindo outras Marias e que o nome era como a areia que tem muitas mais cada Maria era diferente.

Maria ficou muito feliz com a história de seu pai e foi correndo contar para seu viso avô.

Anexo 4

Disney · PIXAR

Um certo dia Maria chegou na sua casa muito triste, mas sua mãe tentou falar com ela e ela não quis falar nada, então a mãe da Maria estava esperando o pai chegar e disse: "Melhor não falar com ela aí e o pai resolveu deixá-la quieta aí o pai e a mãe deixaram ela quieta. Ela falou eu não vale nada, o pai dela corrigiu e eu não valho nada. Aí o pai dela disse a história do diamante que o nome dela Maria tinha vários mais ela era única especial como o diamante que tem poucas e são raras e caras são muitas e Maria ficou muito feliz por que era especial como diamante e foi conta pra seus amigos."



Anexo 5

Retextualizando o conto 50

A História da Inteligência

Japiim chega falando sobre a Inteligência e diz também que antigamente o Japiim era o passarinho mais inteligente e que o homem retirou a inteligência do passarinho comendo o cérebro do irmão do Japiim pois zezé pulou na frente e contou uma outra história que aprendeu na escola, há história de Adão e Eva zezé contou que Deus criou um lugar chamado paraíso e por Adão e Eva e lhe disse foram qualquer coisa mas nunca comam o fruto daquela árvore certo dia uma serpente apareceu e levou Eva para baixo da árvore e disse a Eva já comi fruto dessa árvore? não prove e é deliciosa ela comi e gostei e levou para Adão comer e gostei também Deus ficou furioso decidiu dar um castigo neles expulsar os dois do paraíso e depois de pecar eles criaram vergonha de seus corpos nus e se vertiram daí saiu a inteligência do homem zezé falou que todos somos iguais.

Anexo 6

A História da Inteligência

1º) Recontextualizando o conto da História da inteligência

Zezé estava sentado de baixo de uma árvore conversando com os passaros de repente, um passarinho voando o papim pousou e conversou com Zezé e papim com seu jeito tudo sabido começou a contar a história da Inteligência.

— Vocês sabem que os papim antigamente era mais inteligente que o homem, a verdade, o papim perdeu a inteligência quando o homem tomou a cabeça do meu irmão.

Os Passaros um chorados — Porque?

O papim com seu jeito de sabido disse: — Para não ficarem andando de um lado para o outro.

O Zezé disse que na sua escola tinham falado que a história da inteligência era assim:

— Me contaram na escola que o homem tinha pecado antes de receber a inteligência. Deus criou o homem e a mulher ou seja Adão e Eva. Deus tinha estado tudo para eles mas a vontade do bem e do Mal não podiam vencer. Pois ela era proibida.

Então um certo dia andando pelo jardim uma serpente com ela estavam conversando e quando chegaram no viveiro a serpente falou:

- Porque você não come desta fruta?

Eva respondeu: - Por Deus nos proibiu

Então a serpente disse: - Ele não quer que vocês comendo, pois sabia que ele come.

Então Eva interessado comeu e depois disso era levado para castigo e quando comou perceberam que estavam nus e necessitavam de roupa.

Então Deus ficou do bravo que o espelho do jardim se machucou. que o homem iria trabalhar para conseguir os frutos e a mulher das dores da vida.

O jardim foi interessado com a história que aconteceu

E teve feliz com o fruto dizendo como música assim

- O homem comeu o fruto e o jardim

FIM

Anexo 7



Recontextualizado o conto: A história da Inteligência

fo 16 • 11 • 17

O conto começa com o personagem Japim fazendo a pergunta de como nasceu a inteligência para o Jintix e o menino Zezi, então Jintix responde que a inteligência vem do cérebro Japim fala então como pra ele veio a inteligência do homem, que o irmão dele morreu quando um índio o matou e comeu o cérebro do seu irmão então foi assim que a inteligência surgiu. Mais o menino Zezi conta que como na verdade nasceu a inteligência Deus tinha criado Eva e Adão no paraíso e disse que podia comer de tudo menos o fruto proibido mais como Eva tinha se desviado e ficou longe de Adão logo a serpente se aproveitou pra comer o fruto a Eva então Eva comeu e também deu a Adão então depois Eva e Adão perceberam que estavam gelados e queriam se reverter Deus então espurou Adão e Eva do paraíso e deu a eles o castigo que Adão passou a trabalhar e Eva sofreu os dois. Então Zezi disse que foi assim que a inteligência surgiu no homem, Zezi fez a comparação do conto de Japim do paraíso lá onde Eva e Adão estavam.

fim

APÊNDICES

Apêndice 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS

ENTREVISTA: PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

- 1- Qual o seu nome e a sua formação acadêmica?
- 2- Quais as principais dificuldades dos alunos durante as produções textuais?
- 3- De que forma você trabalha a oralidade, leitura e escrita com seus alunos?
- 4- Uma forma de trabalhar a leitura e a escrita é através da retextualização. Você costuma trabalhar com esse recurso?
- 5- A retextualização de contos como é trabalhada em sala de aula?
- 6- Em relação à retextualização. Você acredita que ajuda os alunos na criatividade e desempenho escolar?
- 7- Qual a melhor maneira de trabalhar a retextualização em sala de aula?
- 8- Durante as produções de textos dos alunos, você acredita que há influência da fala para a escrita?
- 9- No momento de produzirem a retextualização de contos. Quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos?
- 10- Como você vê o interesse dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa?

OBRIGADA!!!

AUTORIZO A UTILIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PARA FINS DE TRABALHO CIENTIFICO.

DATA: / / NOME:

Apêndice 2

PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO

OFICINA: Retextualizando o conto.

CONTEÚDO: Leitura, oralidade, escrita e retextualização.

OBJETIVO: Desenvolver a prática de leitura dos alunos, propondo atividades de retextualização a partir da oralidade, leitura e escrita.

DATA DE REALIZAÇÃO: 16/11/2017

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

DURAÇÃO: 2 tempos de aula (90 min).

ATIVIDADES:

1. Analisando o conto
- ✓ Um breve comentário sobre o gênero textual conto – 5min.

Descrição da Atividade: Para darmos início a oficina, será feito um breve comentário do gênero textual conto. Explicando o que é conto, como analisa-lo e os traços demarcadores conto.

Objetivo: Levar os alunos a aprofundar o conhecimento sobre o gênero textual conto.

Duração: 15min.

2- Atividade: Lendo através de imagens

✓ Apresentação do conto, leitura através das imagens fixadas ao quadro, explicação sobre o conto para que possa ser trabalhado a oralidade, a leitura.

Descrição das atividades: Será apresentado o conto e o autor para os alunos. Em seguida será feita a leitura da história através das gravuras que serão colocadas ao quadro para que possa ser melhor compreendido.

Objetivo: Fazer com que através das gravuras do conto, os alunos assimilem melhor a história.

Duração: 25min.

3- Atividade: Retextualizando o conto.

Verificar se os alunos têm o conhecimento do que é retextualização, explicar o que é retextualização e como se faz. Retextualizando o conto oralmente através das imagens fixadas ao quadro.

Descrição das atividades: A partir do conhecimento sobre retextualização, a sala será dividida em dois grupos e cada um membro do grupo irá até a frente e fará a retextualização oralmente, seguindo as imagens que estarão fixadas ao quadro.

Objetivo: Identificar o nível de conhecimento dos alunos sobre a retextualização.

Duração: 20min.

4- Atividade: Trabalhando com a retextualização

Retextualizando o conto “A história da inteligência” do escritor Elson Farias. Através das imagens que estarão fixadas ao quadro (produção escrita) -

Objetivo: Observar de que forma está sendo trabalhada a oralidade, a leitura e a escrita no momento da retextualização.

Descrição da Atividade: A partir das gravuras expostas ao quadro, cada aluno fará sua produção de retextualização do conto, “A história da inteligência”. Para que possa observar

Duração: 30min.

Obra consultada

FARIAS, Elson. A história da inteligência. Manaus: Editora valer, 2002.